

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E
DA NATUREZA

DEIVED OLIVEIRA

DO MAR DE INFORMAÇÃO AO CORTIÇO

LONDRINA
2015

TERMO DE LICENCIAMENTO

Este projeto está licenciado sob uma Licença Creative Commons *atribuição uso não-comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil*. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma mensagem para o endereço de correspondência eletrônica deivedoliveira@yahoo.com.br.



**Este projeto foi selecionado pela Bolsa de Fomento à Literatura da Fundação
Biblioteca Nacional e Ministério da Cultura**



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

DO MAR DE INFORMAÇÃO AO CORTIÇO: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Resultado de pesquisa bibliográfica descritiva apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, esta sequência didática é um produto final disponível aos professores que almejem trabalhar com a leitura literária e com o apoio das novas tecnologias da informação e comunicação.

Para o trabalho proposto tem-se por base o modelo de sequência didática apresentada por Rildo Cosson (2007), disponível na obra *Letramento Literário – teoria e prática*, cuja proposta divide-se em duas modalidades: a sequência básica e a sequência expandida.

Neste caso, optou-se pela segunda modalidade para o desenvolvimento deste trabalho por se tratar de uma proposta que parte da leitura de textos literários curtos, ligando-os tematicamente a outras obras de maior fôlego de leitura em uma expansão gradual que objetiva alcançar obras mais extensas, como é o caso de *O Cortiço* (2010).

Agregando o uso das novas tecnologias da informação e comunicação à proposta de Rildo Cosson (2007), visando contribuir com o conhecimento técnico para com o trabalho docente na era da informação e da troca de conteúdos através de equipamentos eletrônicos, almeja-se criar um elo entre professores, estudantes e os textos por meio das tecnologias digitais de modo a valorizar o componente mais importante dessa conexão: o conteúdo da obra literária.

Dessa integração de diferentes conhecimentos é possível reconhecer a importante contribuição das palavras de Paulino sobre o junção entre ferramentas eletrônicas e literatura: “A democratização dos bens culturais envolve tanto o acesso aos livros quanto aos avanços tecnológicos” (1995, p. 17) sobre a junção entre ferramentas eletrônicas e literatura: “A democratização dos bens culturais envolve tanto o acesso aos livros quanto aos avanços tecnológicos”. Assim, após escolher as ferramentas físicas (os aparelhos eletrônicos) e as virtuais (os *softwares*) é o momento de servir-se desse aparato eletrônico para ter acesso aos textos necessários ao desenvolvimento das atividades junto aos aprendizes, cabendo ao professor organizar a aplicação desse conteúdo em sala de aula de maneira a encaminhar os estudantes às aventuras possibilitadas pela leitura literária.

1.1 Textos, recursos e materiais escolhidos para a sequência

Apoiando-se no uso da terminologia oriunda da *internet* e da informatização que passou a fazer parte da Língua Portuguesa e do cotidiano das pessoas, em um primeiro momento indica-se aos professores a escolha de materiais e textos que lhes permitam desenvolver as atividades de leitura de acordo com os conhecimentos prévios e as áreas de interesse dos estudantes. Tais aspectos podem ser observados pelo professor durante conversas com a turma, além de serem respeitados os conteúdos indicados pelo sistema de ensino a cada ano escolar.

Para o desenvolvimento desta proposta de atividade, os textos selecionados pretendem atender a um público heterogêneo, em salas de primeiro e segundo anos do ensino médio nas quais o conteúdo do Realismo/Naturalismo faça parte da grade curricular de estudos, em escolas majoritariamente urbanas, levando-se em conta que se trata de temática relacionada à cidade. No entanto, não se excluem as escolas rurais pelo fato de o conteúdo abranger temas que direta ou indiretamente possam interessar àqueles ligados à vida no campo.

Retomando a linguagem da *internet*, daqui, todos podem levantar âncora e navegar por um mar de informação, como é conhecida a rede mundial de computadores, passando pelo interposto localizado no endereço eletrônico Livro e Game, onde está *O Cortiço* em formato virtual, e tendo como destino a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Como mencionado, a proposta abordará o uso das novas tecnologias da informação e comunicação. Assim, vale ressaltar que, no caso das escolas públicas de alguns estados, a exemplo do Paraná, é comum o uso de *software* livre por este não acarretar custos ao governo estadual.

Desse modo, atendendo aos professores que não queiram dispendir recursos financeiros com o pagamento de licenças de uso de *softwares*, nesta sequência didática será apresentada uma experiência de aplicação com o apoio de *softwares* gratuitos, como o sistema operacional Linux, em sua distribuição Edubuntu.

Caso a proposta do profissional de educação seja a de trabalhar junto aos estudantes com edição de áudio e vídeo, ele pode fazer uso do editor de vídeos

Kdenlive e do editor de áudio Audacity, *softwares* também gratuitos que estão disponíveis para descarregamento (*download*) da *internet* e instalação e uso gratuitos nos computadores pessoais e nos das instituições de ensino.

Vale ressaltar que o professor poderá aplicar esta sequência didática utilizando os sistemas operacionais e os *softwares* de computador que melhor atendam suas atividades didáticas, sendo a opção feita para esta pesquisa uma alternativa para os profissionais que prefiram trabalhar com as ferramentas livres e que não necessitem de pagamento por licenças de uso.

Esta viagem de navegação dos estudantes e professores pela *internet* e pelos materiais selecionados poderá durar, em média, 8 semanas, com 04 aulas em cada uma, totalizando 32 aulas para o desenvolvimento dos trabalhos, o que poderá ser realizado individualmente ou em grupos de estudantes para o acesso aos ambientes virtuais, já que se trata de consulta de conteúdo amplo que demanda o uso de equipamentos que variam de quantidade em cada escola, ficando o professor livre para organizar o ambiente e os estudantes da maneira que julgar melhor para o desempenho das atividades.

Como a viagem ocupará esse período, os aprendizes poderão contar com alguns momentos de intervalo, nos quais o professor poderá apresentar-lhes textos curtos e músicas entre as obras de maior fôlego de leitura, tendo estes textos o papel de apoiar os estudos sobre as temáticas existentes nas obras para aproximação entre os seus aspectos centrais e os estudantes.

A sugestão de tal material de apoio, o qual poderá ser redefinido pelos professores, segue elencada para a sequência didática, sendo estes o poema *Cortiços, Favelas* (2008), de Izilgallu, disponível na rede mundial de computadores e a música *Refavela* (1977), de Gilberto Gil, indicada por Rildo Cosson em sua obra.

Outra proposta de uso de um hipertexto para a sequência básica, já que os estudantes estarão navegando na rede mundial de computadores, é o conto *Tinha uma favela no meio do caminho* (2009), do autor André Ebner, havendo a possibilidade para que o professor trace um paralelo entre o título deste e o poema *No meio do caminho* (1962), de Carlos Drummond de Andrade.

Após apresentar os textos aos estudantes, sejam eles impressos ou disponíveis em *blogs* na *internet*, assim como o áudio de Gilberto Gil, o professor poderá apresentar o conteúdo disponível no endereço eletrônico Livro e Game,

conforme apresentado na figura 1, o qual contém o conteúdo da transposição da obra *O Cortiço*:

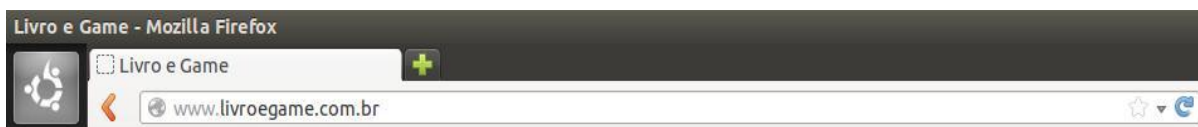


Figura 1: Barra de endereços do navegador para internet Mozilla Firefox

Por se tratar de acesso à *internet*, será necessário que o professor desenvolva as atividades em uma sala de informática ou em sala de aula, caso a escola ou os estudantes disponibilizem seus computadores para uso nesse ambiente, o que também poderá ser realizado com uso de equipamentos portáteis como aparelhos celulares, *tablets* ou outro dispositivo eletrônico que possibilite o acesso aos conteúdos disponíveis virtualmente.

Outras obras apontadas neste trabalho, as quais visam contribuir para as discussões sobre a obra de Azevedo são a fotografia intitulada *Favela de Paraisópolis* (2002), de Tuca Vieira, *O Auto-Retrato* (2002), de Mario Quintana, *Dez dias de cortiço* (2008), de Ivan Jaf, e a canção *Grajaux* (2011), de Kleber Cavalcante Gomes – Criolo.

Uma vez que os trabalhos desenvolvidos pautam-se em conteúdos disponíveis na *internet*, o professor poderá localizar em *sites* de compartilhamento de vídeos episódios do seriado *El Chavo del Ocho* (Chaves, na versão em língua portuguesa) que tratem da temática da relação entre o dono do cortiço e seus inquilinos, como o episódio *Corren a don Ramón* (1977), (O despejo de seu Madruga, na versão brasileira), *La venta de churros* (1978) (A sociedade, na versão brasileira).

Propondo um momento de descontração, ao mesmo tempo em que se discuta junto dos estudantes sobre os diferentes dialetos e vocabulário existentes nos espaços das comunidades a serem abordados pelo estudo, pretende-se trabalhar com a canção *Grajaux* (2011), de Kleber Cavalcante Gomes – Criolo.

1.1.1 Quais técnicas são necessárias para a aplicação desta sequência didática?

Os professores sempre fizeram uso de vários equipamentos, sejam eles tecnológicos ou não, como apoio de suas atividades na apresentação de conceitos e conteúdos para trabalho com os estudantes no intuito de facilitar a compreensão, construção e o acesso ao conhecimento.

Desde os exemplares de livros distribuídos aos estudantes para que acompanhem a apresentação e o raciocínio do professor por meio da visualização de figuras e textos em suas páginas, as listas de exercícios em folhas de papel com conteúdos copiados nos mimeógrafos até as caixas de papelão de produtos de uso doméstico, como as de pasta de dente e caixas de fósforos sendo reutilizadas para trabalharem conceitos como altura, largura e profundidade, sempre estiveram presentes nas escolas como ferramentas de apoio ao professor.

Com o aprimoramento das ferramentas tecnológicas novas oportunidades de uso surgem para o aprimoramento das atividades dos professores, como é o caso dos computadores e dos ambientes virtuais, os quais dispõem de elevada quantidade de materiais em diversos formatos, como vídeo, áudio, textos, animações, além dos diferentes *softwares* educacionais gratuitos, como é o caso do pacote de *softwares* livres Edubuntu, ou outros programas desenvolvidos por empresas que cobram pela licença de uso.

Entre o mimeógrafo e o computador, o que muda é a quantidade de funções entre as duas máquinas. No caso da segunda, um número maior de funções e recursos são acionados a partir da combinação de diferentes botões e a capacidade de apresentar conteúdos em grande quantidade de cores e movimentos em sua tela.

Logo, o profissional da educação percebe que não se trata de um monstro indomável, mas sim de uma máquina que, com a dedicação de algumas horas de aprendizagem sobre seu uso, torna-se um aliado a mais nas atividades escolares e no desenvolvimento do trabalho docente.

Para que a atividade proposta nesta sequência didática seja desenvolvida facilmente, faz-se necessário o entendimento de alguns conceitos e algumas ferramentas com suas funções básicas, as quais serão necessárias para que professores e estudantes tirem o máximo proveito dos conteúdos a serem

explorados no ambiente virtual.

O computador é uma máquina que utiliza energia elétrica para colocar em seu ecrã as informações que surgem a partir dos comandos dados pelo usuário no teclado e no dispositivo apontador (*mouse*) e precisa de um programa (*software*) principal que faça esse trabalho. Este programa é chamado de sistema operacional.

Somente para citar alguns sistemas operacionais existentes, há o Windows, desenvolvido e comercializado pela empresa norte-americana Microsoft; o Linux, desenvolvido pela Free Software Foundation, organização de desenvolvedores voluntários que distribui gratuitamente o sistema operacional e permite que qualquer pessoa o utilize e faça alterações que julgar necessárias para que o sistema se adapte às suas necessidades. Por não apresentar custo ao usuário, o Linux também é conhecido pelo título de “Software Livre”.

Outra opção é o Macintosh, ou Mac OS, *software* proprietário (na área de informática diz-se “proprietário” aquele programa que necessita de pagamento pela licença de uso), instalado em computadores fabricados pela Apple Inc, multinacional também norte-americana.

No entanto, uma vez que as atividades propostas serão baseadas majoritariamente no uso da *internet*, pois o conteúdo baseado na obra literária a ser estudada não fica instalado no computador, mas hospedado em um servidor na rede mundial de computadores, estando acessível independentemente do sistema operacional que se use, o sítio eletrônico (*site*) com seu conteúdo não será alterado em decorrência da escolha do sistema.

Essa conceitualização anterior, portanto, é necessária apenas para que se diferencie o sistema operacional do *software* para navegação (*browser*), programa instalado dentro do sistema operacional.

Entendido o que vem a ser o sistema operacional é possível selecionar as ferramentas para o trabalho de acesso e estudo de *O Cortiço*, obra transposta para o sítio eletrônico www.livroegame.com.br (CELSO SANTIAGO *et al*, 2013). Também, pode-se escolher um programa para criação de desenhos que servirá para a produção posterior de resultados de leitura, trabalhos esses que servirão como instrumento de avaliação para os professores.

Definida a obra a ser estudada é o momento de selecionar os equipamentos físicos – os *hardwares* – podendo esses serem computadores, *laptops*, *tablets* ou

smartphones e os programas instalados para que os aparelhos funcionem – os *softwares*.

Como os equipamentos eletrônicos variam em tamanho e capacidade de processamento de dados, e conseqüentemente isso interfere na velocidade com que as informações aparecerem na tela, cabe ao professor fazer um teste para saber se o acesso ao sítio eletrônico será viável nos equipamentos que a escola possui.

Por ser um trabalho desenvolvido com base no uso de sítios eletrônicos que possuem animações desenvolvidas em linguagem de programação *Flash*, os aparelhos a serem utilizados precisarão possuir alguns requisitos mínimos, como capacidade para executar vídeos e animações nessa linguagem, assim como aplicativos para leitura de arquivos de texto em formato pdf (*portable document format*).

As características físicas desses aparelhos também precisam ser levadas em conta para que o conteúdo possa ser apresentado nas telas dos aparelhos, como o processador, que deverá possuir velocidade acima de 600MHz e memória RAM acima de 512 MB.

Após definir qual dos aparelhos eletrônicos mencionados anteriormente serão utilizados pelo professor e pelos aprendizes pode-se definir quais *softwares* servirão para o desenvolvimento das atividades, sendo necessário o uso de um *browser* (programa para navegação na *internet*), sendo este um programa que proporciona acesso à rede mundial de computadores; existem vários, como o Internet Explorer, Mozilla Firefox, Google Chrome, Safari, Ópera, somente para citar os mais populares.

Os envolvidos nestas atividades também usarão um *software* de criação gráfica. Existem inúmeros programas que desempenham tal função, desde os mais básicos como *Paint*, disponível para Windows ou o Gimp (gratuito), para os usuários dos sistemas operacionais de código aberto Linux.

Uma vez que a proposta desta sequência didática também contempla a produção de uma história em quadrinhos como resultado final, para a criação gráfica pode-se utilizar o software HagáQuê, programa voltado ao desenvolvimento de histórias em quadrinhos que pode ser baixado, instalado e utilizado gratuitamente a partir do endereço eletrônico da Universidade de Campinas.

Para fazer uso do *software* HagáQuê no sistema operacional Linux será

necessário instalar o programa gratuito Wine, um dispositivo que possibilita o funcionamento do HagáQuê dentro do Linux.

Definidos esses aparelhos e *softwares*, faz-se importante a observação quanto ao acesso à internet no local onde serão desenvolvidas as atividades. Na maioria das instituições de ensino há um profissional técnico que é o responsável pela sala de informática e demais recursos tecnológicos que geralmente tem formação na área, podendo ajudar o professor da disciplina na solução de eventuais dúvidas sobre o desempenho e funcionamento dos computadores, assim como a instalação dos programas necessários à execução e acesso aos conteúdos.

No entanto, mesmo que esse profissional não esteja na escola, o professor poderá facilmente se preparar para o desenvolvimento de seu trabalho com as máquinas, conferindo com antecedência a capacidade dos aparelhos em relação ao acesso ao endereço eletrônico, o desempenho dos computadores e a velocidade da internet – já que todos os computadores acessarão ao mesmo tempo o endereço eletrônico – e se há a necessidade de instalação de algum programa adicional (*plug-in*) para que o conteúdo esteja acessível.

No caso do sítio eletrônico www.livroegame.com.br faz-se necessário que os computadores possuam um *plug-in* Flash, programa que possibilita ao computador a execução de animações gráficas e apresentação de vídeos. Caso o computador não possua tal dispositivo, serão necessários apenas alguns cliques para sua instalação a partir do endereço <http://get.adobe.com/br/flashplayer/>.

Possuindo mecanismos que identificam a necessidade de instalações adicionais, os computadores não dificultam a solução da falta de algum componente, já que a interação entre homem e máquina é feita através de “caixas de diálogos” que orientam o usuário durante o processo de instalação e solução de problemas, sendo necessário ler as instruções e clicar nos botões solicitados, o que possibilita a qualquer pessoa, mesmo que ela não seja um técnico em informática, fazer tais adaptações.

Conferidos esses pré-requisitos para o funcionamento dos computadores que darão acesso aos conteúdos, os quais são o foco das leituras e pesquisas de professores e estudantes, tem-se o instrumental necessário para a fase da união entre todos os envolvidos nesse processo de leitura literária.

Buscar novas possibilidades de leitura em diferentes suportes é uma

tentativa de disponibilizar aos estudantes acesso ao que se produziu sobre o Brasil, em uma tentativa de fortalecer o papel da literatura brasileira.

Assim, para que seja possível partir da realidade dos estudantes, os quais estão em sua maioria inseridos em um mundo informacional digital em casa ou em sua totalidade nas escolas, pretende-se aplicar o estudo de maneira a avaliar a recepção e as estratégias de direcionamento dos estudantes para a obra literária original a partir do uso de computadores, *tablets* ou outros aparelhos eletrônicos em salas de informática com computadores conectados à *internet*.

O endereço eletrônico www.livroegame.com.br foi selecionado para a pesquisa por disponibilizar um conteúdo adequado ao embasamento de leitura dos estudantes e aos objetivos a serem alcançados pelo estudo. Trata-se de um projeto de digitalização e transposição de três obras da literatura nacional brasileira para os formatos de jogos digitais e histórias em quadrinhos.

Como o objetivo desta sequência didática é apresentar ao professor uma proposta de trabalho sobre o período literário realista-naturalista, neste trabalho o conteúdo escolhido foi a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (2010), por esta ser considerada a maior referência do Naturalismo no Brasil.

Uma vez que os estudantes têm cada vez mais acesso aos conteúdos digitalizados para os ambientes virtuais, pretende-se com este trabalho incentivá-los a ter contato com o livro a partir desse jogo eletrônico, no qual eles possam interagir e assumir o papel de uma das personagens da obra e conheça as principais personagens com base na leitura de alguns excertos do livro e nas ilustrações referentes ao contexto do cortiço.

Para que o aprendiz tenha acesso ao conteúdo digital e interaja com o jogo é necessário ler a HQ, pois a chave de acesso a essa interação é um questionário que precisa ser respondido com base nas informações disponíveis nos quadrinhos.

Dentro do jogo o estudante assume o papel de João Romão, dono do cortiço na obra original, e pode administrar o dinheiro ganho como créditos no momento em que responde o questionário, além da opção de fazer um empréstimo financeiro da escrava Bertoleza para que construa as casas do cortiço, assim como poder selecionar a quantidade e a qualidade dos materiais para construção, os quais serão necessários no jogo.

Outra oportunidade que a obra de Aluísio dá ao estudante é a disponibilidade

de diferentes temáticas, as quais estão presentes na vida dos adolescentes brasileiros ainda hoje, o que pode despertar o interesse desses estudantes para o encaminhamento ao conteúdo da obra original, ao mesmo tempo em que instrumentaliza o profissional da licenciatura no trabalho com as novas tecnologias pois, como pontua Schlünzen (2014, p. 02) “[...] é inevitável que o uso da tecnologia passe pela mudança de metodologias. E esse destaque reforça a importância do professor no processo.”

Outro fator que corrobora para o estudo é o fato de esse conteúdo estar disponível em uma rede social de grande repercussão entre os jovens, servindo de meio de divulgação para que estudantes iniciantes tenham o primeiro contato com o enredo, personagens e seus dilemas, entre outras características das obras.

1.2 Objetivos

- 1) Incentivar os estudantes para a leitura de textos literários de obras clássicas na busca de sua importância para o conhecimento de mundo e a compreensão sobre o homem, assim como despertar neles a curiosidade para conhecer a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo;
- 2) Reconhecer os recursos estilísticos usados pelos autores nas obras e a representação das personagens e do meio em que vivem;
- 3) Analisar e discutir sobre a representação da condição humana em sua representação nas obras e nos espaços físicos e virtuais na contemporaneidade.

1.2.1 Justificativa

Sabe-se que a fase da adolescência é uma das mais conturbadas e delicadas na vida de um jovem em idade escolar. Isso fica claro aos profissionais da educação

envolvidos em um ambiente no qual eclodem todas as manifestações de rebeldia e conflitos de variados gêneros decorrentes de diversos fatores.

Assumir o desafio de trabalhar com leitura literária nessa fase da vida dos estudantes é uma aventura para todos os envolvidos no ambiente escolar, já que “as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência da vida”, como aponta Italo Calvino em sua obra *Por que ler os clássicos* (2007).

Uma possibilidade de chamar a atenção desses jovens para a leitura literária, usufruindo das inovações criadas pelo desenvolvimento do campo tecnológico, é oferecer-lhes aplicativos desenvolvidos com base na literatura nacional, os quais possibilitam a aproximação entre estudantes e obras literárias. Esse momento parece ser favorável à criação de atividades escolares estratégicas, já que tais recursos digitais fazem parte do campo social de grande parte dos estudantes brasileiros.

Por ser a escola um ambiente voltado à obtenção de conhecimentos para a vida pessoal e profissional do aprendiz, entre outras atribuições, cabe aos professores atentarem ao fato de que, em uma sociedade em constante transformação, várias ferramentas e técnicas têm sido criadas historicamente, o que pode interferir em culturas tradicionais, como é o caso da relação contemporânea entre a leitura de livros impressos e a mesma atividade feita com o apoio de aparelhos eletrônicos digitais, como computadores e celulares.

Com base nesses pressupostos e no princípio de que essa é uma fase importante na vida escolar dos adolescentes, pois vai prepará-los para que se tornem indivíduos atuantes na sociedade a que pertencem de maneira a entendê-la e transformá-la, esta sequência didática também busca atender ao que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A referida Lei que, em seu Artigo 36, inciso I, aponta que cabe à escola destacar: “a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania”; assim como em seu parágrafo 1º, inciso I, que define que cabe à escola possibilitar ao estudante “domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna” (BRASIL-LDBEN,

1996, p. 14).

Essa relação entre diferentes sistemas de signos (a linguagem oral, a escrita, o sistema de números), assim como os sistemas de instrumentos tecnológicos e suas linguagens, os quais “são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural” (VIGOTSKI, 2007, p.26), pode ser levada em consideração pelo professor ao organizar os conteúdos para aplicação em sala de aula de modo a inserir tais ferramentas como apoiadoras em suas atividades, usando as mesmas sem perder o foco nos conteúdos de sua disciplina.

Logo, torna-se possível somar aos conhecimentos acumulados pela humanidade as novas ferramentas eletrônicas, pois, como também apontado pela LDBEN, os estudantes precisam ser preparados para o mundo do trabalho e, portanto, precisam ter domínio sobre essas novas ferramentas e técnicas para que dominem, além do uso, o funcionamento de tais instrumentos.

Em meio às diferentes ondas de transformações nas culturas das sociedades, a literatura aparece como instrumento de equilíbrio entre todas essas forças, oferecendo aos estudantes o entendimento necessário para seu posicionamento histórico, social, cultural e estético, tendo o papel de proporcionar-lhes experiências de mundo.

A integração entre os diferentes conhecimentos e técnicas é proposta nesta estratégia de trabalho que busca fazer uso das tecnologias da informação e comunicação no campo de trabalho dos profissionais da educação para que se tente fortalecer o processo de construção e criação da cultura da leitura literária, partindo-se do pressuposto de que a escola se torne um ambiente privilegiado para tal atividade.

Por meio do estabelecimento de relações entre fatos reais da vida dos estudantes e dos fatos fictícios representando essa mesma fase da vida presente na literatura, nos quais haja o enfrentamento de problemas pessoais próximos das personagens da ficção, pretende-se que o estudante desperte seu interesse pelo confronto dialógico e dialético entre a literatura e a própria vida.

Assim, objetiva-se que o uso da sequência didática e dos materiais selecionados pelo professor tenham proximidade com as experiências vividas pelos estudantes, em uma tentativa de obtenção de resultados positivos na criação da

cultura da leitura a partir da escolha de textos que partam de contextos que lhes tragam imagens recorrentes.

Por isso parte-se do seu conhecimento de mundo para alcançar a obra que se pretende lida a fim de que sejam incentivados a aprofundar seu conhecimento sobre a literatura nacional e a cultura do país, pois “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever, quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2007, p. 20).

1.2.2 Problema

Os baixos índices de leitura apresentados por pesquisas no país, como a Retratos da Leitura no Brasil (2012), apontam para os números de leitores de obras impressas e demonstram que, em comparação com o número da população brasileira, muito há que se conquistar nesse campo.

Ao mesmo tempo, escolas vêm trabalhando para que se crie a cultura leitora nesses ambientes de manutenção dos conhecimentos acumulados pela humanidade além de proporcionar aos estudantes o contato com os prazeres estéticos proporcionados pela leitura literária.

Como aponta Antonio Candido, as sociedades têm evoluído enormemente no campo técnico. No entanto, nas relações humanas há muito por se aprimorar, o que pode ser realizado com o apoio da leitura literária por seu potencial humanizador.

1.2.3 Hipóteses

Esse desenvolvimento tecnológico que poderia possibilitar ao ser humano melhorias nas condições de vida em sociedade tem sido voltados para campos muitas vezes distantes dos propósitos estéticos e de construção de consciências coletivas para um mundo melhor.

Por assim ser, muitas vezes as invenções técnicas são vistas com pessimismo e desconfiança pois, por se tratar de equipamentos que dão poder ao homem, podem tanto colaborar para o bem quanto para o mal, cabendo àquele que faz uso da tecnologia escolher como a utilizar.

Logo, pelo fato de se tratar das invenções tecnológicas como objetos sem vida, o que permite ao homem dar-lhe aplicabilidades distintas, cabe aos profissionais da educação enquanto colaboradores na criação de culturas e de um mundo melhor estimular estudantes a aplicarem tais ferramentas e técnicas para o uso consciente na construção de conhecimentos que contribuam para a cultura humanizadora.

1.2.4 Metodologia

Com base em pesquisa bibliográfica e descritiva propõe-se o uso de uma sequência didática como estratégia de aproximação entre estudantes e obras clássicas da literatura por meio do uso das novas tecnologias da informação e comunicação.

Apoiando-se em diferentes gêneros textuais da literatura, objetiva-se despertar o interesse dos estudantes pela leitura da obra original *O Cortiço* (2010), de Aluísio Azevedo, por meio do leitura da transposição da obra disponível em ambiente virtual.

1.3 Primeira etapa: motivação – Conhecendo sobre o destino (6 aulas)

Nesta etapa da sequência didática de leitura literária o professor poderá abordar textos introdutórios aos temas e conceitos abrangidos pela obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, convidando os estudantes a usarem os computadores da sala de informática, ou os da sala de aula da escola, para que acessem os hipertextos

disponíveis na rede mundial de computadores.

Essa abordagem dos conteúdos disponíveis em sítios eletrônicos ou em impressões pode ser utilizada para que o professor inicie um diálogo com os estudantes no sentido de ativar os seus conhecimentos prévios sobre as temáticas existentes nos textos e na obra de Azevedo, o que poderá ser feito por meio de perguntas sobre as personagens representadas.

Para isso, poderá iniciar sua apresentação disponibilizando aos estudantes a informação de que em *Cortiços, Favelas*, de Izilgallu (2008) há a representação da vida de um morador de uma comunidade existente em um grande centro urbano; tal contato com essa obra visa à instrumentalização dos estudantes no que tange ao entendimento dos conceitos de espaço, moradia e aglomeração humana, possibilitando aos aprendizes a percepção para temática presente em *O Cortiço* em sua representação de espaço.

Cortiços, Favelas

Cortiço ontem
 favela hoje
 os nomes mudam
 mas os seres continuam
 vivendo igual
 pobreza imperando
 desprezo pela vida
 solução...? não há
 Do lado de fora, nada
 ninguém se importa
 Do lado de dentro
 tentam levar a vida
 por entre armas,
 ratos, esgotos,
 corpos caídos no chão
 hoje um, amanhã dois
 ninguém se importa mais
 a vida virou banalidade
 Quem poderia socorrer
 suga tudo, todo dinheiro
 para o seu próprio bem viver
 exportam suas famílias
 para o mundo civilizado
 com o dinheiro que
 roubam do povo sofrido
 Passeiam em seus jatos
 para seus euros conferir

Aqui no lixo ninguém
 se importa não se engane
 o mundo está pouco
 se importando para a
 guerra travada na escuridão
 dos cortiços, das favelas
 da pobre multidão

Izilgallu, (2008)

Sendo o texto *Cortiços, Favelas* criado em linguagem contemporânea acessível aos estudantes, podendo a leitura ser feita rapidamente e não ocupando todo o período de uma aula, o texto pode vir acompanhado da canção *Refavela*, de Gilberto Gil, trabalhando ainda as questões sobre espaço social e moradia.

A música poder ser executada em um aparelho de som sendo apresentado no formato original para que os estudantes a conheçam e acompanhem o texto enquanto a ouvem; tal trecho pode estar disponível na forma impressa ou na tela do computador.

Nessa atividade ainda há a possibilidade de o professor o professor e os estudantes trazerem instrumentos musicais para interpretarem a canção de Gil, servindo para a ampliação das discussões em torno das temáticas existentes na obra *O Cortiço*.

Refavela

Alaiá, kiriê
 Kiriê, iaiá
 A refavela
 Revela aquela
 Que desce o morro e vem transar
 O ambiente
 Efervescente
 De uma cidade a cintilar
 A refavela
 Revela o salto
 Que o preto pobre tenta dar
 Quando se arranca
 Do seu barraco
 Prum bloco do BNH

A refavela, a refavela, ó
 Como é tão bela, como é tão bela, ó

A refavela
 Revela a escola
 De samba paradoxal
 Brasileirinho
 Pelo sotaque
 Mas de língua internacional

A refavela
 Revela o passo
 Com que caminha a geração
 Do black jovem
 Do black-Rio
 Da nova dança no salão

Iaiá, kiriê
 Kiriê, iaiá

A refavela
 Revela o choque
 Entre a favela-inferno e o céu
 Baby-blue-rock
 Sobre a cabeça
 De um povo-chocolate-e-mel

A refavela
 Revela o sonho
 De minha alma, meu coração
 De minha gente
 Minha semente
 Preta Maria, Zé, João

A refavela, a refavela, ó
 Como é tão bela, como é tão bela, ó

A refavela
 Alegoria
 Elegia, alegria e dor
 Rico brinquedo
 De samba-enredo
 Sobre medo, segredo e amor

A refavela
 Batuque puro
 De samba duro de marfim
 Marfim da costa
 De uma Nigéria
 Miséria, roupa de cetim

Iaiá, kiriê
 Kiriê, iaiá.

Gilberto Gil. *Refavela*, (1977)

Durante a apreciação das obras nos diferentes gêneros, o professor poderá incentivar os estudantes a encontrarem proximidades entre elas, como a ênfase dada pelos autores aos diferentes conceitos de moradia e as nomenclaturas distintas referentes às comunidades do país.

Comparando a transformação conceitual presente nos títulos “Cortiços”, “Favelas” e “Refavela” é possível denotar uma mudança dos nomes que fazem referência aos modelos de moradia e ao espaço que, embora mude de nome, mantém algumas características inalteradas.

Isso se evidencia nas marcas deixadas pelos autores, como a “pobreza imperando” e a conseqüente tentativa de sair dessa realidade por meio de um “salto que o pobre preto tenta dar”, evidenciando a ênfase dada ao negro como principal morador desse lugar da sociedade brasileira.

Tal entendimento sobre os termos torna possível buscar na obra de Azevedo o entendimento sobre o papel que o povo vindo de África teve na construção do país, sua recolocação geográfica, econômica, social e cultural após a abolição e sua atual condição, o que encaminha os estudantes para a construção de uma estrutura interpretativa para que apreciem mais tarde a obra azevediana.

Essas mudanças de nomenclatura e reorganização geográfica ocorridas historicamente nessas aglomerações humanas na esfera da moradia, e que são representadas nas obras, podem ser associadas aos diferentes períodos da história do país e a suas transições em face das decisões políticas.

Como exemplo disso, pode-se citar o prefeito carioca Candido Barata Ribeiro que, em 1892, perseguiu os moradores (CARVALHO, 1987) daquele que era o “cortiço [de] ontem” fazendo com que as pessoas que lá habitavam, por não terem onde morar, passassem a residir na “favela hoje”, ligando os termos presentes nos títulos, os quais caracterizam diferentes formas de organização habitacional mas que mantêm os mesmos dilemas.

A problemática de moradia no Brasil enfrentada por grande parte da população e alguns programas habitacionais considerados ineficazes são apontados nas obras, como na menção sobre a parcela da população que é instalada em um “bloco do BNH”, em face da tentativa de reorganização do espaço urbano dos grandes centros em uma solução paliativa.

Da mesma forma, a temática da má distribuição de renda é um aspecto que

aproxima os textos e permite tal abordagem por parte do professor para que os estudantes estabeleçam relações que servirão para a leitura d'*O Cortiço*.

A relação de dualidade criada por Izilgallu, na qual a autora opõe os espaços representados em seu texto, "Do lado de fora, nada, ninguém se importa / Do lado de dentro tentam levar a vida", mostra ao leitor a separação espacial e o seu distanciamento entre dois lados.

O mesmo elemento pode ser encontrado na descrição do espaço representado na narrativa de Azevedo, pois o cortiço de São Romão pretendia ser uma república impenetrável com suas próprias leis, havendo uma proximidade temática entre os diferentes autores na caracterização dos grupos distintos que habitam uma mesma cidade, como se fossem micro-organismos isolados dentro de um organismo maior.

Essas personagens veem na avareza da personagem João Romão as raízes de uma condição humana degradante, provocada por aquele que poderia solucionar tal problema, mas que "suga tudo, todo dinheiro para o seu próprio bem viver" (IZILGALLU, 2008) restando aos demais o ritmo do "passo com que caminha a geração".

Assim, pode-se perceber que as diferentes gerações vão se sobrepondo em uma espiral sem que tais problemas sejam solucionados, sendo relegados às margens de uma sociedade que lhes oferece apenas "o sonho [...] de minha gente" (GIL, 1977).

Desse modo, as dualidades existentes no poema de Izilgallu e na canção de Gilberto Gil também estruturam os elementos culturais que embasam a leitura da obra de Aluísio Azevedo criando um elo temático para a construção de sentidos necessários ao processo de leitura literária e interpretação da obra, ao passo que mostra aos estudantes que, embora os textos distem temporalmente, fazem referência ao mundo físico no qual vivem.

Isso possibilita aos envolvidos nesse processo de leitura a promoção de reflexões sobre as transformações sociais atuais, como o uso do termo "comunidade" como referência aos espaços que já possuíram outros nomes e que temporariamente são alterados, oferecendo a possibilidade de um estudo do campo terminológico para a concepção do espaço urbano.

Para Freire (2001, p. 110), "em vez de considerar 'favela' e 'comunidade'

como categorias estáticas, deve-se compreender a forma como são operacionalizadas pelos atores, sendo seus sentidos construídos e reconstruídos dinamicamente no cotidiano de suas interações sociais”.

Com tal abordagem, ao professor também é possibilitado apontar aos estudantes a origem do termo "Favela", o qual faz referência a uma planta encontrada no norte da Bahia, no Brasil, e que é apresentada na literatura por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902), narrativa esta sobre a Guerra de Canudos, acrescentando ao conhecimento dos estudantes mais um clássico da literatura brasileira como fonte de pesquisa para o seu enriquecimento histórico e cultural nacional.

As favelas, anônimas ainda na ciência — ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus — talvez um futuro gênero *cauterium* das leguminosas, têm, nas folhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa. Por um lado, a sua epiderme ao resfriar-se, à noite, muito abaixo da temperatura do ar, provoca, a despeito da secura deste, breves precipitações de orvalho; por outro, a mão, que a toca, toca uma chapa incandescente de ardência inatural (CUNHA, 1984, p. 20)

O professor poderá explicar que, em decorrência da quantidade dessa vegetação citada por Cunha nos campos de batalha, um dos morros que serviram de base para posicionamento das equipes de guerra durante os ataques a Canudos era um morro denominado “Favela”. "No dia imediato assaltariam simultaneamente por dois pontos, na Favela e no Angico" (CUNHA, 1984, p. 175).

Desse conflito, após o retorno das tropas que massacraram o povo de Canudos, os soldados que não tinham onde morar estabeleceram-se no morro da Providência, na cidade do Rio de Janeiro, o qual recebeu o nome de Favela em referência ao morro de mesmo nome na Bahia.

Sobre tal fato, Mattos (2007) aponta que: "Por abrigar pessoas que haviam tomado parte naquele conflito, o Morro da Providência foi popularmente batizado de Morro da Favela. O apelido pegou, e na década de 1920 as colinas tomadas por barracões e casebres passaram a ser conhecidas como favelas".

Outra aproximação entre obras, no sentido de instrumentalizar os estudantes no processo de leitura literária de modo a ampliar seus horizontes, se dá na

aproximação temática entre os textos “Tinha uma favela no meio do caminho”, do autor André Ebner (2009), e “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade (2002), podendo ser apresentados pelo docente em um momento em que se torna possível incentivá-los para a desconstrução de possíveis pré-conceitos em relação à ideia que se tem desse espaço e das pessoas que nele vivem.

Neste ponto do estudo junto aos alunos, o professor poderá criar algumas expectativas quando à representação de personagens nos textos a serem lidos, além de incentivar os estudantes a fazerem previsões quanto ao que poderá ocorrer com as mesmas, reforçando a curiosidade dos estudantes sobre a representação de seus dilemas.

Eliane de Fátima Manenti Rangel (2007, p. 03) evidencia a importância da organização da leitura literária de modo que o professor instigue os estudantes a conhecerem as entrelinhas do texto, pois na leitura como “um ato comunicativo, mesmo implicitamente, tanto autores quanto leitores estão posicionados social, política, cultural e historicamente, projetando seus valores e crenças na construção do significado do texto”.

Tinha uma Favela no meio do Caminho

Terminado o ensino médio, um ano desempregado, Marcos finalmente consegue um trampo, e vai trabalhar numa empresa perto da sua casa. Apesar da distância até a empresa ser de quinze minutos a pé, ele levava vinte, pois desviava da favela que tinha pelo caminho. - Eu? Andar no meio daquela favela? Você tá é louco... _ dizia para o pessoal do trabalho, que o apoiava, lembrando o quão perigoso era o lugar. Certa vez, atrasado para o trabalho, Marcos teve que passar pela favela. Correndo e suando frio, cada barulho era um alerta. Tenso, respiração ofegante e coração à milhão, nem olhou para os lados. São e salvo, chegou no seu trabalho com um pequeno atraso, mas já suficiente para o comentário opressor do patrão, que calhou nesse dia de estar lá logo cedo. Após a experiência de medo e apreensão, nunca mais andou pela favela, mesmo que atrasado. Mas algo estava para acontecer. Alguns meses depois, após a benção da mãe, Marcos foi para o trampo como todos os dias, caminhando junto aos carros. Uma rua sem calçada, um caminhão desavisado, e ele não menos, foram os ingredientes da cena. Um caminhão acerta Marcos, jogando-o para o muro, e ele cai fora de si. Marcos só acordou dali a dois dias, no hospital. Reconhecendo a mãe, quis saber o que acontecera. A mãe descreveu a cena e contou que uma senhora que passava pelo local é quem o acudiu, chamando a ambulância e dando o primeiro socorro. Agradecido, ele pediu para visitar a bondosa senhora.

Restabelecido, foi até o endereço indicado. Qual não foi a surpresa ao perceber que ela morava na favela perto da sua casa, aquela mesma que

tantas vezes havia desviado. Com medo mas decidido, chegou na casa procurada, que apesar da falta de acabamento, era bem limpinha. Chamou a senhora, que logo apereceu e o convidou para entrar, numa simpatia só. Descobriu que seu nome era Nice, conheceu a sua família e deparou com uma simplicidade misturada com sentimentos bons no coração que o fez chorar.

Agradeceu imensamente a ajuda e voltou para a casa feliz da vida. Durante a volta, notou o que nunca havia reparado: que a favela apesar de pobre tinha muita vida, muitos jovens sorrindo, mulheres conversando, crianças brincando e trabalhadores indo e vindo do serviço. Acabado a dispensa médica, Marcos volta ao trabalho, conta o que ocorreu e cheio de razão emenda:

- Eu? Andar no meio daquela autovia? Você tá é louco... Eu vou pela favela mesmo!

(EBNER, 2009)

Nesta fase o professor poderá distribuir o poema de Drummond aos estudantes para que leiam e reflitam sobre as relações possíveis entre a "pedra" e o que poderia vir a ser essa tal pedra em seu caminho, podendo reservar tempo para que os estudantes apresentem suas interpretações.

Após a apresentação dos estudantes, o professor poderá retomar a leitura do texto de Ebner relacionando-o ao texto de Drummond de modo a partir do texto que se aproxima da realidade do estudante por tratar de temática existente em sua vida, a exemplo do que acontece com a personagem "Marcos", alguém que "termina o ensino médio" e que vive em sociedade em busca de um "trampo", oportunizando ao estudante notar o uso da licença poética que o autor faz de uma gíria presente em grande parte dos grupos sociais de adolescentes, em alusão à palavra emprego.

Na representação do caminho percorrido por Marcos até chegar ao seu local de trabalho o autor insere o que, à primeira vista, parece ser um obstáculo: "a favela que tinha pelo caminho", permitindo aos estudantes refletirem sobre os conceitos e crenças sobre o que vem a ser a "favela" e o que ocorre nesse espaço estigmatizado.

Em uma associação entre o texto de Ebner e "No meio do caminho", de Drummond, pode-se aproximar o estudante de mais uma obra da literatura nacional, permitindo-lhes que reflitam sobre formas de interpretação do poema, dando-lhes liberdade para que pensem nas pedras existentes nos diferentes caminhos que escolherem, possibilitando um encaminhamento aos diferentes gêneros do texto literário, como a poesia em sua capacidade de expressão artística.

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.
 (DRUMMOND, 2002)

A partir da leitura dos textos introdutórios selecionados tem-se por objetivo estabelecer ligações entre eles e outras obras da literatura nacional consideradas clássicas que demandam maior fôlego de leitura, como *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Cumprindo a etapa de despertar o interesse dos estudantes para os temas existentes na obra de Azevedo, na etapa seguinte objetiva-se encaminhá-los à obra *O Cortiço* (2010), de Aluísio Azevedo, assim como utilizar o ambiente virtual para ter acesso à adaptação da mesma obra, cabendo ao professor organizar os conteúdos e o tempo necessários para o trabalho de leitura do livro e das páginas digitais.

Assim, propõe-se que o professor apresente aos estudantes a obra impressa e o sítio eletrônico www.livroegame.com.br, sendo este ambiente virtual no qual os estudantes terão acesso a uma adaptação do livro para o formato de história em quadrinhos e de jogo eletrônico digital.

Sugere-se que o professor estabeleça prazos para que os estudantes leiam a obra impressa, já que se trata de uma leitura que será feita por um período de tempo maior do que a interação do estudantes com o ambiente virtual.

1.4 Acesso ao sítio eletrônico

Com o uso de aparelhos eletrônicos, como computadores, *tablets*, celulares ou outros dispositivos que possuam conexão com a *internet*, tendo estes a função

de ferramentas de apoio ao desenvolvimento das atividades de leitura, o professor poderá utilizar um programa (*software*) de sua preferência que deem acesso ao ambiente virtual para acessar o conteúdo disponível na rede mundial de computadores.

Havendo disponibilidade de acesso à *internet*, o endereço eletrônico www.livroegame.com.br pode ser digitado na barra de endereços conforme demonstrado na figura 1; quando do carregamento da página, ou seja, assim que o conteúdo do endereço eletrônico estiver disponível nas telas dos aparelhos eletrônicos, o professor poderá iniciar a apresentação da adaptação da obra *O Cortiço* aos estudantes, servindo de motivação e introdução à leitura, almejando o acesso posterior à obra original impressa.

Na tela inicial (*home*) do sítio eletrônico, conforme figura 2, há os atalhos (*links*) que possibilitam o acesso às três obras da literatura nacional adaptadas para o ambiente virtual, sendo elas *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, todas acessíveis a partir de cliques do dispositivo apontador (*mouse*) sobre as imagens correspondentes.

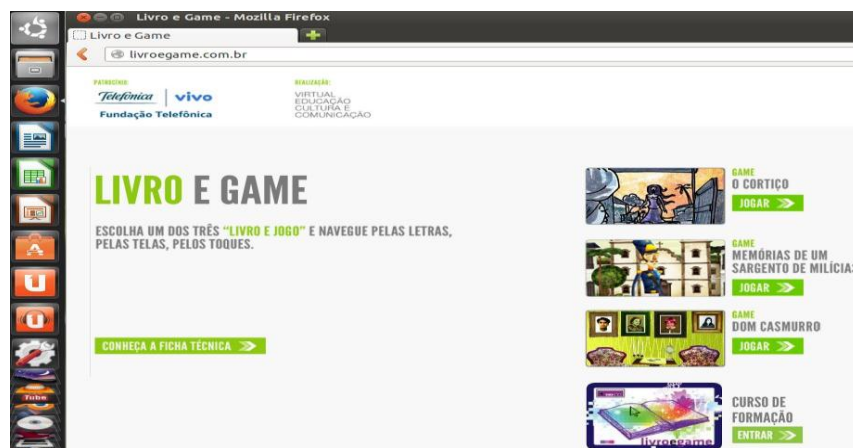


Figura 2: Página inicial do sítio eletrônico Livro e Game

Sendo *O Cortiço* a obra selecionada para este estudo, com um toque do dispositivo apontador sobre a imagem correspondente, o estudante acessa o conteúdo da obra transposto para o formato digital, o qual é precedido por uma animação transicional explicativa sobre o que ele acessará nas páginas seguintes, conforme a figura 3, onde o mesmo encontra a informação sobre o conteúdo

adaptado de uma das narrativas fundadoras do Naturalismo no Brasil, criada pelo escritor maranhense no final do século XIX.

Também informa que a obra pertencente à escola naturalista preconizada por Emile Zola, retratando o período da industrialização do país, baseando-se em correntes filosóficas a exemplo da determinista, finalizando a apresentação com duas interrogações: será que o homem é mesmo refém do seu meio? Ou ele pode transformá-lo?

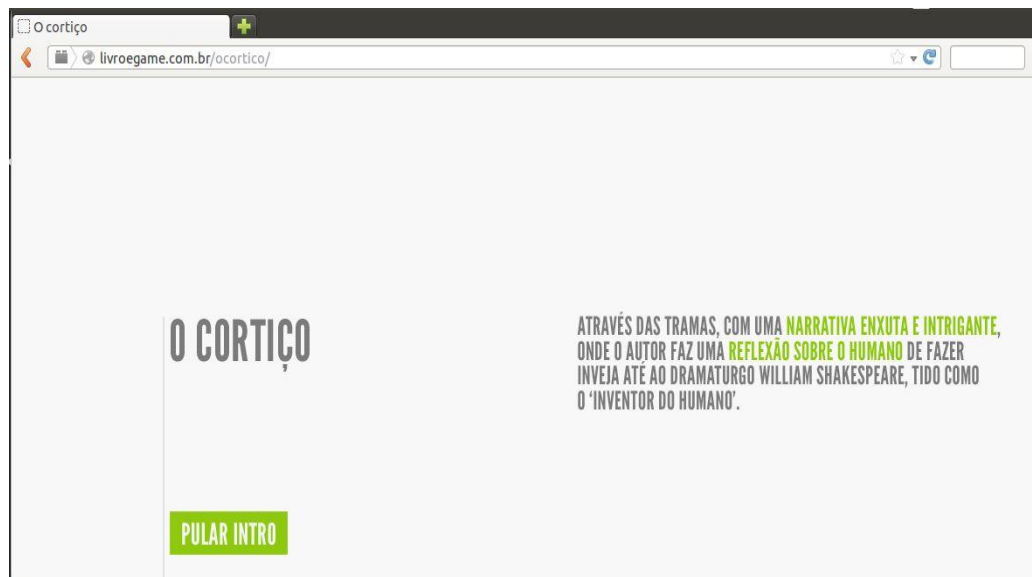


Figura 3: Transposição da obra O Cortiço

Após a transição da página introdutória, o estudante pode acessar os demais hipertextos do ambiente virtual com seus conteúdos acessíveis por meio dos atalhos apresentados na figura 4, como o “home”, que possibilita reiniciar a apresentação da introdução.

Nesta parte, é possível encontrar os seguintes símbolos: “hq”, que dá acesso à adaptação da obra para o formato de história em quadrinhos representando as principais personagens da obra original, e “jogo”, que possibilita acesso ao jogo eletrônico no qual o estudante interage na construção do cortiço, assumindo o papel da personagem João Romão, dono do cortiço, da mercearia e da pedreira.

Nessa fase há a possibilidade de o jogador administrar os lucros obtidos a partir da exploração do trabalho dos funcionários, dos alugueis e dos produtos vendidos em seu estabelecimento comercial, podendo reuplicá-los na construção de

mais moradias em seu terreno, o qual representa o ambiente do Rio de Janeiro da época em que a obra foi escrita.

Ao acionar o atalho “escritório” o estudante terá acesso à um ambiente que disponibiliza uma biblioteca virtual onde estão disponíveis duas obras integrais de Aluísio Azevedo, tais como *Casa de Pensão* e *O Cortiço*, um texto de apresentação sobre a vida do autor, assim como textos sobre as comunidades da Rocinha, do Pelourinho, na Bahia, e Heliópolis.

Esses hipertextos estão disponíveis em formato pdf (*portable document format*) e podem ser baixados para o computador e impressos ou lidos na própria tela do aparelho eletrônico.

Entre eles estão ainda textos que tratam sobre as correntes filosóficas da época em que Azevedo criou *O Cortiço*, como o Naturalismo, o Determinismo e o Zoomorfismo; e o atalho “downloads”, página que disponibiliza aos estudantes imagens que podem ser baixadas e usadas em seus computadores.

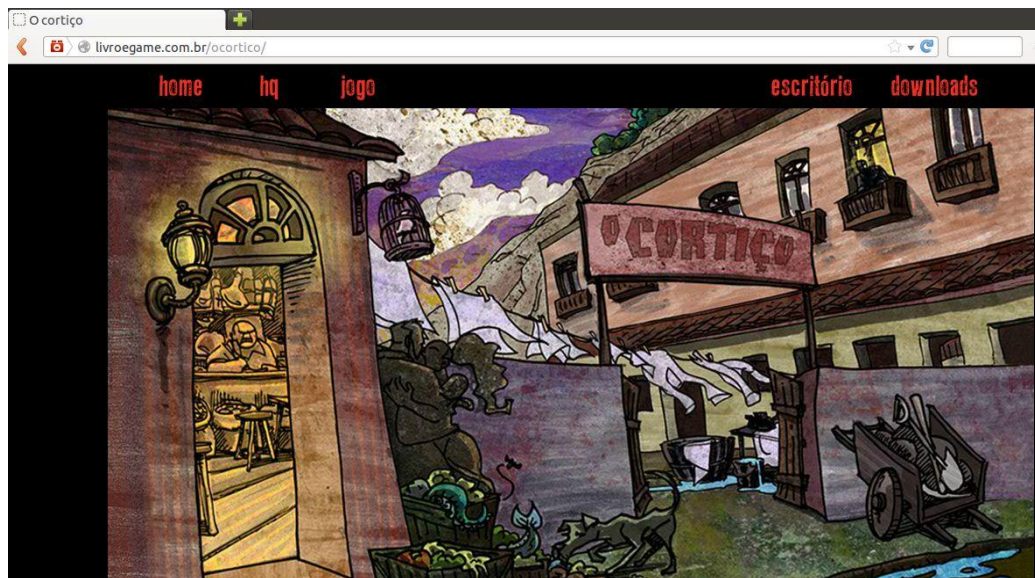


Figura 4: Atalhos para a transposição da obra *O Cortiço*

Embora na página de abertura (figura 3) haja o botão “Pular intro”, no qual o estudante pode clicar para ter acesso direto ao jogo ou à história em quadrinhos, vale ressaltar que o professor pode informar sobre a importância da leitura das informações ali contidas.

Esse conteúdo traz dados importantes sobre a obra e possibilita que o estudante se habilite para responder ao questionário que tem a função de chave de acesso ao jogo digital, o que também é válido em se tratando da leitura dos excertos que compõem a história em quadrinhos, conforme figura abaixo:

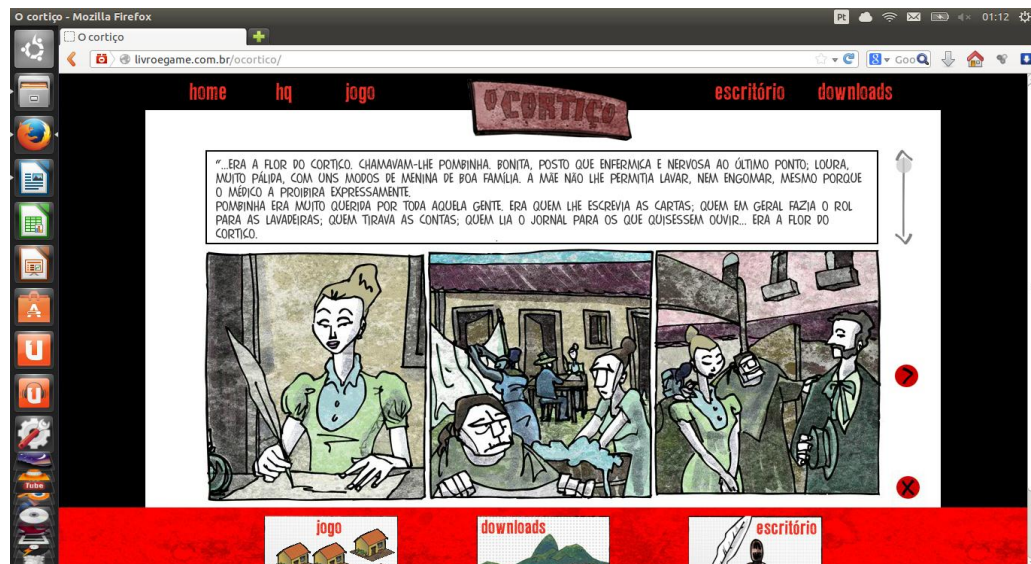


Figura 5: O Cortiço em quadrinhos

Depois de ler a história em quadrinhos e os textos informativos existentes na página “escritório”, os quais possibilitam ao estudante o conhecimento sobre a obra para acessar o jogo, o mesmo poderá clicar no atalho “jogo” para acessar a página e brincar na construção de seu cortiço. No entanto, se o estudante tentar acessar o jogo sem ter lido a HQ e os outros textos, o professor poderá incentivá-lo a fazê-lo, pois tratam-se de conhecimentos relacionados ao livro que possibilitam a resposta das questões sobre a obra, conforme figura 6.



Figura 6: Questionário (“quizz”) - chave de acesso ao jogo eletrônico

O mecanismo de funcionamento do jogo eletrônico é estruturado em uma lógica de jogabilidade na qual os conteúdos encontram-se relacionados para que os estudantes possam jogar, fazendo com que seja necessária a leitura dos hipertextos disponíveis nos diferentes gêneros utilizados pelos desenvolvedores, como é o caso da condição de responder o questionário para que se pontue e se obtenham créditos iniciais (dinheiro virtual), para a construção das primeiras casas em seu cortiço e multiplicação de seus pontos com o ganho com os aluguéis.

Por se tratar de um jogo que agrega diferentes áreas do conhecimento escolar, o desenvolvimento de trabalhos em parceria com outros professores é possível. Para construir o cortiço virtual o jogador necessita utilizar conhecimentos matemáticos, como no caso da contabilização de recursos financeiros obtidos a partir das rendas e do empréstimo que o jogador assume com a escrava Bertoleza (figura 7) para aplicar na ampliação do cortiço.

O jogo também explora saberes geográficos para abordar a organização urbana e o espaço em que as casas serão construídas no cortiço virtual (figura 8), do mesmo modo que é necessário se pensar em aspectos de infra-estrutura e de saneamento básico, pois há a possibilidade de o jogador pagar multas e perder créditos em decorrência da superpopulação da cidade, como apontado pelas 9 e 11.

As questões político-sociais resultantes de conflitos entre trabalhadores que

moram no cortiço em decorrência dessa mesma aglomeração, conforme figura 10, podem estar associadas à disciplina de sociologia e história para estudar as manifestações populares decorrentes de desentendimentos entre diferentes grupos da sociedade, assim como as teorias sociais francesas que influenciaram a criação da obra.

Já os conhecimentos da área biológica podem ser abordados a partir dos conhecimentos sobre a teoria de Darwin, com o estudo das células do corpo humano e seus sistemas e o uso desse princípio na descrição do cortiço e das personagens nele existentes.

No campo artístico, podem-se estudar as manifestações culturais de diferentes grupos e etnias que são formadoras da cultura nacional, sendo representados pela mistura de diferentes tradições musicais, de danças, crenças e culinárias, além de se estender para outras áreas do conhecimento que os professores quiserem agregar conhecimentos a partir do jogo.

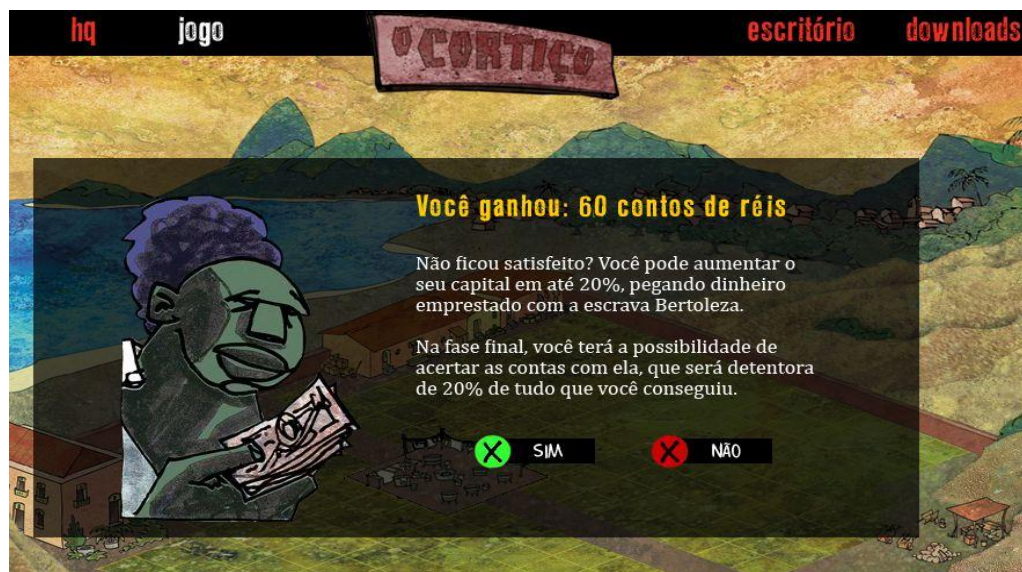


Figura 7: Empréstimo financeiro - escrava Bertoleza

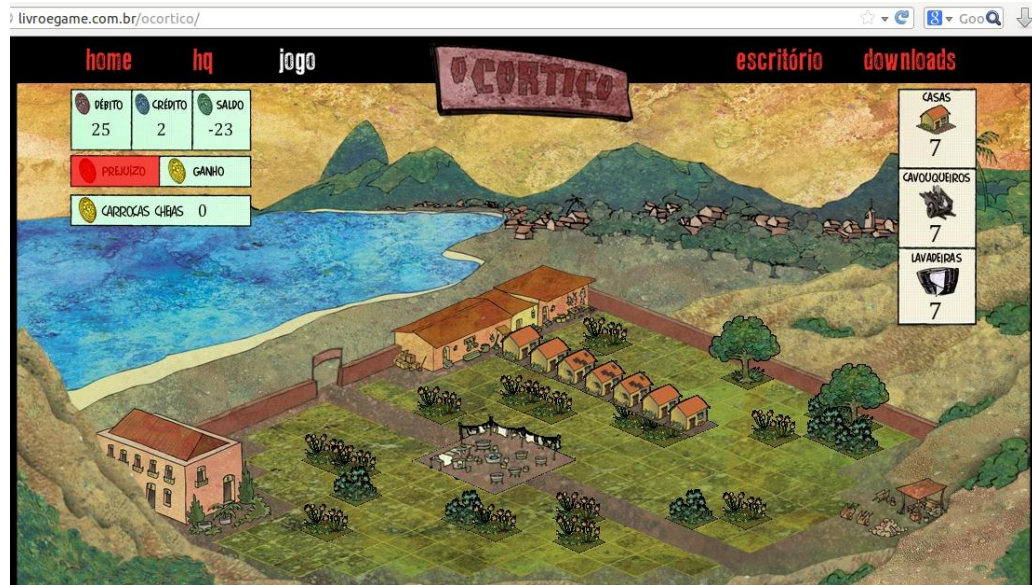


Figura 8: Jogo O Cortiço - habitação e espaço geográfico



Figura 9: Problemas de saneamento básico



Figura 10: Conflitos sociais

Seguindo o exemplo do que ocorre com o cortiço da obra original, no virtual o jogador perceberá que a partir de um determinado ponto do jogo as casas deixam de ser térreas, tomando o formato de sobrados (figura 11), passando a atender cada vez mais pessoas em um mesmo espaço, o que agrava as condições de moradia, tornando-as ainda mais insalubres, podendo este ser também um fator de grande importância para ser observado pelo professor e pelos estudantes na composição de suas histórias que serão criadas como “finais diferentes” dados à narrativa.

Isso pode servir de incentivo aos estudantes para a proposição de solução não somente dos conflitos das personagens, assim como relacionar tais conflitos ao espaço físico e uma solução para esse problema, já que, com a reforma pela qual passa o cortiço da obra de Azevedo, grande parte dos moradores deixam de habitá-lo por conta dos custos elevados das novas moradias. Cabendo ao jogador, então, definir para onde irão esses moradores e em que condições viverão.



Figura 11: Reforma do cortiço

Esse aumento que ocorre no tamanho das casas no jogo, e que precisa acontecer também no poder aquisitivo de seus moradores, afasta desse ambiente pessoas que não têm condições financeiras para continuar habitando tal espaço, aspecto de classificação social que condiciona parte dos moradores a irem para outros locais da cidade, vivendo à maneira como podem, discussão que se torna possível logo adiante, quando da proposta de análise da fotografia de Tuca Vieira, referida na figura 15.

Ao final do jogo, quando o jogador se aproximar do final do processo de construção do cortiço virtual, será necessário que responda se deseja, ou não, pagar o empréstimo concedido pela escrava Bertoleza no início da construção das casas.

Uma vez que ela tenha emprestado 20% do total necessário para dar início à construção, agora ela possui direitos sobre 20% das riquezas produzidas pelo jogador. Se a resposta for sim, ou seja, o jogador deseja quitar a dívida com a escrava, ele vence o jogo e recebe o título de Barão. Caso contrário, Bertoleza suicida-se, o jogador não vence e o jogo necessita ser reiniciado (figura 12).

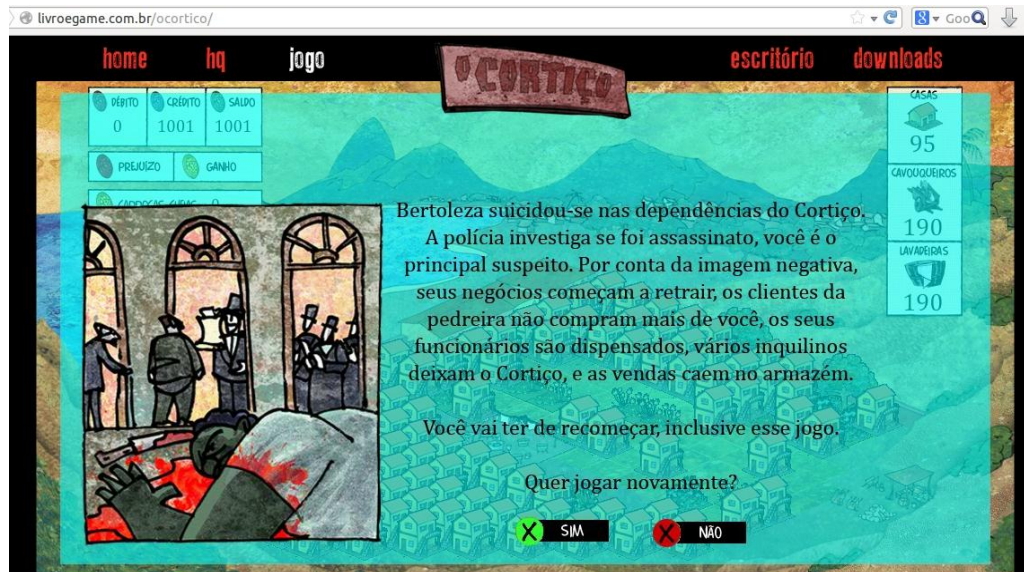


Figura 12: Finalização do jogo

Com base no jogo pode-se observar que a transposição da obra *O Cortiço* possibilita diferentes abordagens, devendo o professor, nesta fase, assegurar-se de que os estudantes partam de uma que abranja os aspectos necessários ao entendimento da obra original de maneira mais aprofundada. Entre muitas, há o exemplo que preconiza a busca de temas relacionados à adolescência, podendo o professor utilizar como estratégia para tal o lançamento de desafios aos estudantes durante todo o processo de contato com o texto.

Para o desenvolvimento desta observa-se que, das personagens adolescentes representadas na obra literária original, apenas a personagem Pombinha aparece nos excertos da história transposta para o ambiente virtual, o que pode ser abordado pelo professor como uma das características da obra transposta, a qual leva em consideração os aspectos que os criadores da adaptação definem como prioridade para o trabalho, não contemplando a obra como um todo.

Com base nisso, o professor poderá apresentar aos estudantes uma síntese sobre a vida das demais personagens adolescentes com o intuito de despertar a curiosidade deles para que descubram mais informação sobre os dilemas enfrentados por elas no texto de Azevedo.

Torna-se possível, nesta fase, apresentar-lhes o desafio de descobrirem as origens de tais dilemas, a relação entre as personagens dentro da trama, a maneira como enfrentam os seus problemas e qual é o desfecho na vida de cada uma.

Objetivando que os estudantes sintam-se ativos durante todo o processo de leitura, assim como ocorre na interação com o jogo eletrônico, uma sugestão é que eles analisem as personagens dentro da narrativa e, após a leitura da obra, proponham um final diferente o enredo, podendo este trabalho ser composto no formato de histórias em quadrinhos, se os estudantes quiserem seguir o modelo da transposição.

Para que a sequência didática seja adaptada pelo professor a cada turma, já que o profissional pode encontrar outras combinações possíveis entre obras, cabe ao professor conhecer *O Cortiço* para saber quais detalhes da representação da adolescência nela estão presentes, como no caso das personagens Pombinha, Florinda, Agostinho, Zulmira, Marianita, Henrique e Isaura.

Uma sugestão de abordagem, no caso da personagem Zulmira, é apontar os problemas enfrentados pela adolescente em decorrência de não ser aceita pelos pais, uma vez que o pai a desprezava ao mesmo tempo em que não era querida pela mãe, em decorrência de um conflito familiar interno. Com essa abordagem o professor poderá desafiar a equipe que for sorteada para estudar a personagem no sentido de investigar os motivos que levam a personagem enfrentar tal dilema.

Quanto a Henrique, estudante que vai à capital do país – na época o Rio de Janeiro – para estudar medicina e provoca uma série de mudanças no cortiço, pode-se estabelecer uma ligação com um dos dilemas enfrentados pela personagem Zulmira, assim como sua interferência na vida de outras personagens do cortiço, compondo o que o grupo responsável pela personagem irá investigar.

Agostinho, “filho de mãe solteira”, o que para a época poderia ser visto como algo negativo, é uma criança que participou de uma luta na guerra entre os cortiços. Neste caso, torna-se possível trabalhar com os estudantes a questão da relação entre irmãos que sejam filhos de diferentes pais, possibilitando um debate sobre as diferenças familiares e a importância do respeito e harmonia familiar.

A gravidez na adolescência também é um tema a ser abordado junto aos estudantes a partir do estudo da personagem Florinda, além da temática do abuso sexual sofrido por crianças e adolescentes, sendo tema propício para a organização de debate com os estudantes a respeito dos meios de prevenção desses problemas que ocorrem em sociedade. Um desafio que pode ser proposto pelo professor é a investigação sobre o que ocorre com a personagem e com as pessoas ao seu redor

após a mesma engravidar.

Senhorinha, filha de Jerônimo e Piedade, menina de grande importância para as pessoas que moram no cortiço, é outra personagem que possibilita maior entendimento sobre a obra. Filha de um casal vindo de Portugal e que constitui família exemplar, presencia grandes mudanças em sua casa com o passar do tempo, o que interfere muito em sua vida. Responder o que acontece para que todas essas relações sejam abaladas é um outro desafio que pode ser proposto pelo professor para incentivar a leitura.

E Pombinha, menina que tem 12 anos de idade no início da narrativa é considerada um tesouro do cortiço; a adolescente possui algumas habilidades que poucos naquele local dominam, como a leitura e a escrita. Esse conhecimento de Pombinha faz com que todos os moradores do cortiço a procurem para que escreva cartas para outras pessoas, fazendo com que a menina conheça muitos segredos, paixões e sentimentos humanos.

Pombinha, como diminutivo da palavra "pomba", simboliza a pureza, simplicidade e a sublimação do instinto, (em oposição das demais personagens). Segundo Chevalier (2015, p. 728), representa "muitas vezes aquilo que o homem tem em si mesmo de imorredouro, quer dizer, o princípio vital, a alma".

Com o passar do tempo, a menina começa a namorar, mas se vê impedida de se casar. Afinal, uma barreira a impede de realizar o sonho de sua mãe e da maior parte dos moradores daquele local, fazendo com que uma série de acontecimentos levem Pombinha a romper com a cultura daquele local, pois assume atitudes que eram, e ainda são, consideradas inaceitáveis por parte da população brasileira.

Essa proposta de investigação sobre Pombinha possibilita ao professor definir inúmeras abordagens, já que ela é uma das personagens principais da obra e, a partir do que o autor reservou para a mesma, suscita diferentes temas e interpretações.

Levando-se em consideração que a quantidade de personagens adolescentes representadas na obra *O Cortiço* é em menor quantidade que a de estudantes nas salas de aula das escolas brasileiras, uma estratégia que pode ser utilizada é a divisão dos estudantes de cada sala em grupos com o mesmo número que o de personagens que se pretende estudar, ficando cada equipe responsável por uma delas.

1.5 Segunda etapa: Introdução – professores e estudantes navegantes (4 aulas)

A proposta de uso do jogo eletrônico e da história em quadrinhos tem o objetivo de possibilitar ao estudante uma introdução à obra literária, ao mesmo tempo em que permite ao professor trabalhar conceitos de base para o entendimento da obra durante a leitura.

Paralelamente ao processo de leitura da história em quadrinhos e do jogo, o professor poderá contextualizar a obra explicando conceitos importantes que estejam presentes na composição de Aluísio Azevedo, utilizando os conhecimentos das demais áreas de estudo, tais como a abordagem sobre o darwinismo, o determinismo e o positivismo.

Isso deve ser feito para que os alunos entendam o conteúdo e o momento histórico de produção da obra, pois nesses excertos retirados do livro para a criação das tirinhas há a presença de temáticas como as questões de trabalho que se estabelecem no espaço do cortiço e a interação dos trabalhadores com o proprietário da pedreira, definido as relações de classes antagônicas. Também se torna possível abordar a temática de gênero em relação ao mundo do trabalho, pois as mulheres diferem dos homens do cortiço nas posições assumidas em suas atividades laborais.

Nessa fase da leitura e interpretação inicial da obra torna-se interessante propor a solução de outro enigma, solicitando aos estudantes que tentem descobrir quem é a personagem principal da obra, já que esta é uma das perguntas a serem respondidas para que se tenha acesso ao jogo, solicitando-lhes que se posicionem na explicação sobre o seu ponto de vista.

Aspectos como o fato de Aluísio Azevedo também ser conhecido por seus trabalhos de ilustrador, tendo representado ironicamente as personalidades da época nos jornais do Rio de Janeiro, podem contribuir para que o estudante esteja atento para fazer uma leitura dos traços escolhidos pelos autores da composição das imagens das histórias em quadrinhos, ajudando-o na interpretação do contexto histórico e social da época.

Como apoio para que os estudantes se habilitem para a interpretação de imagens, o professor pode apresentar uma das charges de Aluísio Azevedo,

publicada na 93ª edição do jornal *O Mequetrefe*, do Rio de Janeiro, em 03 de Março de 1877.



Qual!... move-se com um dedo. Está com as molas um pouco duras.

Figura 13: Charge satírica sobre o Brasil

Para o desenvolvimento das fases seguintes do trabalho de leitura literária, na qual os estudantes farão uso da transposição da obra *O Cortiço*, disponível no formato de jogo eletrônico, aconselha-se ao professor orientar os estudantes para que também iniciem a leitura da obra original, de modo que os estudantes passem a ter contato com o texto integral do autor.

Para que o processo de leitura seja organizado, cabe ao professor propor-lhes um acordo sobre um prazo para que essa leitura e as demais atividades das etapas da sequência didática sejam concluídas em um período determinado.

A partir desta etapa, durante as aulas em sala, é possível orientá-los quanto a leitura da obra original, esclarecendo dúvidas, enquanto sejam feitas as leituras de outros textos literários, as discussões e as produções textuais para que o professor acompanhe a interpretação dos alunos sobre a obra de Azevedo.

1.6 Terceira etapa: Desenvolvimento da sequência básica – Cortiços reais e virtuais (10 aulas)

Cumprida a fase inicial de leitura e das discussões sobre os textos literários, de modo a garantir ao estudante o conhecimento necessário para que os estudantes respondam as questões para que acessem ao jogo, passa-se para a etapa na qual os jogadores assumem a personagem de João Romão – dono do cortiço – quando têm a oportunidade de lidar com valores monetários dentro da brincadeira eletrônica, podendo investir o dinheiro que ganham como recompensa da pontuação dos acertos das respostas na construção das casas do cortiço virtual.

home hq jogo **CORTIÇO** escritório downloads

DÉBITO 26 | CRÉDITO 60 | SALDO 34

PREJUÍZO | GANHO

CARRUÇAS CHEIAS

Calcule quantas casas quer construir. Escolha: o material que vai usar nas casas; os produtos que vai vender no armazém; e o perfil de empregados para a pedreira. Preencha a tabela de acordo com o saldo existente.

ITEM	VALOR MENSAL POR UNIDADE (contos de réis)	NÚMERO DE UNIDADES (casas, famílias e funcionários)	TOTAL (contos de réis)
Cortiço - construção de casa			
material de primeira	16	seleccione abaixo: <input type="checkbox"/>	
material de segunda	11	seleccione abaixo: <input checked="" type="checkbox"/>	22
Armazém - compra de produtos para estoque/mês			
produtos de qualidade	2	seleccione abaixo: <input type="checkbox"/>	
produtos baratos	1	seleccione abaixo: <input checked="" type="checkbox"/>	24
Pedreira - salário de cavouqueiro			
eficiente	2,5	seleccione abaixo: <input type="checkbox"/>	
indolente	1	seleccione abaixo: <input checked="" type="checkbox"/>	2

CASAS 0

CAVOUQUEIROS 0

LAVADEIRAS 0

Informe a quantidade de casas abaixo e aperte ENTER:

2

Confirmar? SIM

Figura 14: Administração financeira do cortiço

Desse modo o professor poderá aproveitar o momento para discutir com os estudantes qual seria a melhor maneira de organizar as casas no espaço disponível para a construção do cortiço.

Em seguida, o professor poderá fazer perguntas sobre a cidade e o bairro onde os estudantes vivem para que os mesmos reflitam sobre questões como tamanho das casas, distância entre as moradias, materiais utilizados na construção, convívio harmônico entre vizinhos.

Essa estratégia pode oportunizar aos estudantes apontamentos sobre o que consideram um modelo ideal de cidade, comparando os modelos de organização

urbana que conhecem com a do jogo virtual, permitindo-lhes a compreensão da organização do ambiente em que estão inseridos como também daquele retratado na obra literária em questão.

Com base nesse processo e também sobre os termos utilizados para a classificação dos conjuntos de casas dentro de uma cidade, é possível estabelecer paralelos com o conceito que eles têm sobre o que seria um cortiço e se hoje haveria alguma organização de moradias que poderia ser classificada como tal, possibilitando um debate sobre o espaço das cidades e de sua organização social e cultural.

Buscando agregar ao trabalho as contribuições da arte visual, pode-se apresentar aos estudantes um retrato do fotógrafo Luiz Arthur Leirão Vieira – Tuca Vieira (2000) – o qual apresenta as contradições presentes nos grandes centros urbanos da atualidade.

Além de possibilitar tais reflexões, disponibiliza aos estudantes aporte para discussões sobre a organização espacial, social e cultural que retratam a distribuição social dos espaços de acordo com o acesso que os diferentes grupos têm à renda, contextualizando o conteúdo que aborda a aspectos culturais e sociais dessas comunidades.



Figura 15: Foto da favela de Paraisópolis

Nesse ponto das discussões pode-se agregar à análise da fotografia os conceitos abordados no momento de apresentação das correntes filosóficas

utilizadas por Azevedo na composição d' *O Cortiço* para tratar sobre aspectos sociais que levaram os seres humanos a se aglomerarem em cidades no final do século XIX em lugares insalubres, como em cortiços.

Essa iniciativa pode fomentar discussões sobre conceitos como o êxodo rural, a industrialização das grandes cidades, a formação de mercado consumidor pelas elites europeias em suas colônias e a conseqüente relação entre todos os povos que se unem nesses espaços para sobreviverem coletivamente em uma mistura de raças, culturas e crenças.

No jogo eletrônico, excetuando-se a leitura dos excertos da obra original usados na composição das histórias em quadrinhos e do material de apoio que o estudante encontra no atalho "Escritório" no mesmo ambiente virtual, o que depende da velocidade da leitura de cada aprendiz, proporciona-se ao estudante interatividade de aproximadamente duas horas/aula para a construção completa do cortiço virtual e do cumprimento de todas as suas fases.

Assim, levando-se em conta que cada turma tenha o seu ritmo, cabe ao professor organizar o tempo entre o uso do endereço eletrônico para as atividades de leitura e de acesso aos demais materiais escolhidos para a contextualização da obra principal, no caso, *O Cortiço*, de Azevedo.

Em seguida, o professor poderá propor um estudo das personagens da obra azevediana, possibilitando enriquecer os debates sobre o processo de formação cultural brasileira pela perspectiva dos adolescentes.

Objetivando a aproximação entre leitor e obra, o professor poderá lançar um desafio: propor aos estudantes que encontrem na obra original as personagens adolescentes representadas por Aluísio Azevedo, assim como descobrir de que maneira a vida em um local interfere em sua personalidade e quais fatores levam as mesmas a enfrentarem os diferentes dilemas de suas vidas, os quais, na maioria das vezes, são os mesmos enfrentados por adolescentes da contemporaneidade em fase escolar.

Uma ideia que talvez possa servir como ponto de partida para esse tipo de investigação é o professor dar algumas pistas, como a relação entre elas e as personagens que representam os adultos, podendo apontar o formato da cultura da época dos casamentos arranjados, como o caso da personagem Zulmira, que se casará com um homem mais velho por interesses econômicos de seus pais, além de

relembrar os aspectos já apontados anteriormente sobre as características de cada personagem.

Como exemplo de apontamentos que o professor poderá fazer, a tabela a seguir apresenta algumas características das personagens adolescentes colhidas em *O Cortiço*.

Zulmira	<p>Zulmira tinha então doze para treze anos e era o tipo acabado da fluminense; pálida, magrinha, com pequeninas manchas roxas nas mucosas do nariz, das pálpebras e dos lábios, faces levemente pintalgadas de sardas. Respirava o tom úmido das flores noturnas, uma brancura fria de magnólia; cabelos castanho-claros, mãos quase transparentes, unhas moles e curtas, como as da mãe, dentes pouco mais claros do que a cútis do rosto, pés pequeninos, quadril estreito mas os olhos grandes, negros, vivos e maliciosos (AZEVEDO, 2010, p.25).</p> <p>o namoro da Zulmira era com um rapazola magro, de lunetas, bigode louro, bem vestido, que lhe rondava a casa à noite e às vezes de madrugada. Parecia estudante! (AZEVEDO, 2010, p.67).</p> <p>Zulmira riu-se, mas disfarçou logo a sua hilaridade pondo-se a conversar com a mãe em voz baixa. Agora, refeita nos seus dezessete anos, não parecia tão anêmica e deslavada; vieram-lhe os seios e engrossara-lhe o quadril. Estava melhor assim (AZEVEDO, 2010, p.138).</p> <p>É que nessa noite o Miranda lhe falara abertamente sobre o que ouvira de Botelho, e estava tudo decidido: Zulmira aceitava-o (João Romão) para marido e Dona Estela ia marcar o dia do casamento (AZEVEDO, 2010, p.191).</p>
Henrique	<p>Henrique era bonitinho, cheio de acanhamentos, com umas delicadezas de menina. Parecia muito cuidadoso dos seus estudos e tão pouco extravagante e gastador, que não despendia um vintém fora das necessidades de primeira urgência. De resto, a não ser de manhã para as aulas, que ia sempre com o Miranda, não arredava pé de casa senão em companhia da família, deste. Dona Estela, no cabo de pouco tempo, mostrou por ele estima quase (AZEVEDO, 2010, p.25).</p>
Isaura	<p>A criadagem da família, do Miranda compunha-se de Isaura, mulata ainda moça, moleirona e tola, que gastava todo o vintenzinho que pilhava em comprar capilé na venda de João Romão (AZEVEDO, 2010, p.26).</p>
Agostinho	<p>Agostinho, encostado ao lampião do meio do cortiço, cantava em altos berros uma coisa que lhe parecia responder à música bárbara que entoavam lá fora os inimigos; a mãe dera-lhe licença, a pedido dele, para pôr um cinto de Nenen, em que o pequeno enfiou a faca da cozinha (AZEVEDO, 2010, p.166).</p>
Florinda	<p>Marciana andava já desconfiada com a pequena, porque o fluxo mensal desta se desregrara havia três meses, quando, nesse dia, não tendo as duas acabado ainda o almoço, Florinda se levantou da mesa e foi de carreira para o quarto. A velha seguiu-a. A rapariga fora vomitar ao bacio (AZEVEDO, 2010, p.88).</p>
Marianita	<p>defronte do candeeiro de querosene, conversavam sobre a sua vida e sobre a sua Marianita, a filhinha que estava no colégio e que só os visitava aos</p>

	domingos e dias santos (AZEVEDO, 2010, p.52).
Pombinha	<p>Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar, mesmo porque o médico a proibira expressamente.</p> <p>Tinha o seu noivo, o João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas, com muito futuro, e que a adorava e conhecia desde pequenita; mas Dona Isabel não queria que o casamento se fizesse já. É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda pago à natureza o cruento tributo da puberdade, apesar do zelo da velha e dos sacrifícios que esta fazia para cumprir à risca as prescrições do médico e não faltar à filha o menor desvelo (AZEVEDO, 2010, p.35).</p> <p>Pombinha era muito querida por toda aquela gente. Era quem lhe escrevia as cartas; quem em geral fazia o rol para as lavadeiras; quem tirava as contas; quem lia o jornal para os que quisessem ouvir (AZEVEDO, 2010, p. 36).</p> <p>Nisto, Pombinha soltou um ai formidável e despertou sobressaltada, levando logo ambas as mãos ao meio do corpo. E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir e a chorar, sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente (AZEVEDO, 2010, p. 124).</p> <p>Pombinha desapareceu da casa da mãe. Dona Isabel quase morre de desgosto. Para onde teria ido a filha?... "Onde está? onde não está? Procura daqui! Procura daí!" Só a descobriu semanas depois; estava morando num hotel com Léonie (AZEVEDO, 2010, p. 203).</p>
Tabela 1: Personagens adolescentes em O Cortiço	

Uma sugestão de atividade para o acompanhamento do processo de leitura, para que o professor analise as interpretações dos estudantes, é atribuir-lhes tarefas de criação textual com base nos gêneros literários estudados.

Exemplo disso é realizar um sorteio em sala de aula com os nomes das personagens da obra *O Cortiço* e solicitar aos estudantes que produzam textos no formato da obra *O Auto-Retrato*, de Mario Quintana, (2008). Para isso, o professor poderá distribuir cópias do poema para que o apreciem e para que sirva de apoio para as suas produções.

O Autorretrato

No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
 - pouco a pouco -
 minha eterna semelhança,

no final, que restará?
 Um desenho de criança...
 Terminado por um louco!

Mário Quintana (1999)

Como a produção textual do estudante poderá indicar seu progresso na leitura, o professor identificará o nível de interpretação e quais são os dados apresentados em seus textos que tenham relação com a obra *O Cortiço*.

Caso a tarefa proposta não disponibilize ao professor um conteúdo relacionado à obra, o profissional da educação poderá atribuir atividades em outros formatos e gêneros com base no romance de Azevedo.

1.7 Quarta etapa: A sequência expandida

Sendo a obra literária um instrumento de reflexão e um caminho para a humanização, como nos aponta Antonio Candido em *O Direito à literatura* (1995), o uso de estratégias que encaminhem o estudante ao mundo da escrita poderá ter importante papel em sua capacitação para o entendimento do mundo em que vive, podendo encontrar na literatura um caminho de busca por respostas para os seus variados questionamentos e situações enfrentadas no cotidiano.

Portanto, após o prazo definido para a leitura da obra, é momento do professor, junto dos estudantes, organizar um círculo para que cada equipe apresente os resultados das investigações empreendidas, para que apresentem aos demais estudantes o que descobriram a partir de sua leitura quanto à personagem pesquisada. Nesse momento o professor poderá incentivá-los a apresentarem os aspectos gerais da obra, permitindo que demonstrem à sala o entendimento a partir da leitura.

Constatando que os estudantes tenham cumprido as atividades de leitura propostas pelo professor, é o momento de aprofundar os temas existentes na íntegra

de *O Cortiço*, habilitando-os para identificarem na obra as relações que a mesma tem com outros textos de circulação social.

Para essa nova atividade, o professor poderá se apoiar no sistema de contextualizações possíveis, de Rildo Cosson (2007), quanto aos diferentes contextos em que uma obra é criada e aos quais ela retrata, enriquecendo o repertório de conhecimentos e discussões a que os estudantes podem ter acesso, ao passo que aprofundam seu conhecimento em literatura.

Uma proposta do autor para esta fase é a definição de “intervalos”, nos quais os estudantes poderão ter contato com materiais diversos que estejam de alguma forma ligados ao contexto da obra principal.

Como a obra de Aluísio descreve os tipos sociais, as relações e o espaço da época em que foi escrita, uma abordagem que talvez interesse aos estudantes por se tratar de conteúdo amplamente conhecido por serem transmitidos em um canal aberto da televisão brasileira é propor uma relação entre as personagens do livro e as do seriado *Chaves*.

Essa série de televisão, dublada do original mexicano *El Chavo del Ocho*², de Roberto Gomes Bolaños, é uma sugestão de ligação entre as personagens adolescentes, a exemplo do episódio “La venta de churros”, transmitida no Brasil com o título “A Sociedade”, disponível no sítio eletrônico de compartilhamento de vídeos Youtube, por haver relação temática com os textos estudados.

Após assistirem ao episódio, o professor poderá solicitar um texto aos alunos contendo as características das personagens e suas proximidades com as características das personagens azevedianas.

Com base na análise que os estudantes fizerem dos episódios, o professor também poderá acompanhar a interpretação que os estudantes fazem da obra de Azevedo, habilitando os estudantes a refletirem sobre a organização social em que vivem, assim como comparar os diferentes momentos históricos em diferentes

² O uso do seriado *Chaves* para trazer aos estudantes as discussões sobre moradia e das relações sociais se pauta pela abordagem humorística das cenas e em seus efeitos catárticos, os quais Ariano Suassuna, em sua aula-espetáculo, apresentada em um evento em defesa da cultura brasileira e da identidade nacional na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional, em Brasília, transmitida pela Tv Senado, parafraseando diferentes filósofos sobre a definição do cômico, aponta para as proposições de Aristóteles: “uma desarmonia de pequenas proporções sem consequências dolorosas”; também encontra nas palavras de Kant: “uma súbita redução de uma densa expectativa a nada”; e em Freud: “o cômico é a revelação do obscuro por baixo de palavras de aparência inocente”. (SUASSUNA, 2013). Dessa forma, pensa-se a possibilidade de uso desse conteúdo uma vez que o cômico tem papel importante na internalização de conceitos e reflexões críticas acerca dos temas que são nas obras.

países e culturas.

Essa base se faz importante para que o professor utilize cenas do seriado de modo a explorar, além de seu conteúdo humorístico, as críticas em formato de ironias que fazem referência aos tipos sociais e ao espaço no qual as personagens vivem, servindo de apoio à sequência expandida nos momentos dos denominados “intervalos”.

Além do vídeo como material de apoio temático, outra obra que aborda a adolescência e a vida em moradias coletivas, assim como a temática de pais que estão afastados dos filhos e que voltam a se aproximar é *Dez dias de cortiço*, (2008) de Ivan Jaf, possibilitando ao leitor um instrumental maior quanto à compreensão dos dilemas que lhe afligem.

A narrativa de Ivan Jaf (2008), escrita com base na obra *O Cortiço*, pode ser utilizada para que os estudantes percebam o espaço e os seus dilemas através de uma obra organizada segundo a ótica de um adolescente.

Em um momento de intervalo e somando-se ao repertório dos leitores outra arte que trate sobre o espaço e a cultura de comunidades contemporâneas pode-se apresentar a canção que aborda uma linguagem de um determinado grupo em *Grajuex*, de Kleber Cavalcante Gomes – Criolo – possibilitando ao professor discutir com os estudantes o vocabulário oriundo de diferentes comunidades como uma variante da língua e sua relação com a cidade.

Grajuex – Criolo

[Refrão]

The Grajuex
Duas laje é triplex
No morro os moleques, o vapor... (clic clac)

É o Play 3 na golfera te sai, chanex
É o ouro branco, o pó mágico e o poder de um Rolex
Na favela, com fome, atrás dos Nike Air Max
Os canela cinzenta que não tem nem cotonets
Os MC das antiga é dinossauro T-Rex
Pra fazer bobaginha cole ali com Jontex
Pra zuar na rua com os cachorro é pex pex
E as princesinha na nóia de um papel faz bo...

The Grajuex
Duas laje é triplex
No morro os moleques, o vapor (2x)

Os irmão que tão com fome desce três marmitex
 Sabão de côco não é Pompom com Protex
 No almoço o Sodex, meu advogado é o Alex
 E se jogo do bicho é contravenção, Mega Sena é ilusão pra colar com durex
 A resposta de chegar garante o seu retornex
 The IporangulX a connect co ex
 Atrás de um verdix pra mandar por sedex
 Zona sul é o universo e os vagabundo é belezex
 Aqui eu não tô de tricotex
 E eu também não tô com medo irmãozex
 É, zona sul é o universo, filho, tá pagando de louco?

The Grajauex
 Duas laje é triplex
 No morro os moleques, o vapor (2x)

(Criolo doído)

The Grajauex
 Duas laje é triplex
 No morro os moleques, o vapor (2x)

(GOMES, 2011)

Após a leitura, interpretação e discussão dos textos elencados, o professor poderá realizar um aprofundamento teórico sobre a obra de Aluísio de modo que os estudantes compreendam as diferentes contextualizações em torno da obra, pautados nas palavras de Rildo Cosson (2007, p.27): “Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço”.

Trata-se, nesta fase, das contextualizações teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática, apontadas na obra de Cosson. Embora algumas dessas abordagens tenham sido iniciadas durante o desenvolvimento da sequência básica, na sequência expandida o professor poderá aprofundar as teorias de maneira a enriquecer as discussões sobre a temática das obras.

A) **Contextualização Teórica**

Para contextualizar teoricamente o trabalho, o professor poderá trazer à luz

do conhecimento dos estudantes as diferentes correntes filosóficas que influenciaram o pensamento do final do século XIX e o autor, na criação da obra *O Cortiço*, como o Determinismo, sobre o qual o professor pode apresentar aos aprendizes as contribuições que Hippolyte Taine fornece sobre o comportamento do homem como escravo de suas características fisiológicas, do meio no qual vive e do momento histórico.

Com base nessas teorias e no excerto de Azevedo: “A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada” (AZEVEDO, 2005, p.204), o professor poderá propor aos estudantes reflexões sobre as relações entre elas para questionar se o ambiente no qual essas pessoas vivem teria influência em seu comportamento e na formação de suas vidas futuras.

Outra contribuição teórica vem do cientificismo positivista de Augusto Comte, a qual também pode ser apresentada aos estudantes de maneira que possam aprofundar o entendimento sobre a posição do autor em relação à descrição do espaço e das personagens. Tal teoria define que para entender o mundo, bastaria observá-lo, experimentá-lo e compará-lo, como em um procedimento científico, o que se torna observável no estilo de escrita da narrativa de Aluísio, como quando o autor descreve suas personagens, a exemplo de Botelho, revelando seu comportamento em sociedade:

Seus dias eram consumidos do seguinte modo: acordava às oito da manhã, lavava-se mesmo no quarto com uma toalha molhada em espírito de vinho; depois ia ler os jornais para a sala de jantar, à espera do almoço; almoçava e sala, tomava o bonde e ia direitinho para uma charutaria da Rua do Ouvidor, onde costumava ficar assentado até às horas do jantar (AZEVEDO, 2005, p.28).

A análise das relações políticas, sociais e de poder presentes na obra de Aluísio podem demonstrar, com base no socialismo surgido no século XIX, como reação às profundas desigualdades entre os grupos sociais. As manifestações populares, a luta de classes e as tentativas de negociação entre funcionário da pedreira e o seu dono refletem a tentativa de democratização do poder dentro do cortiço: “mas agora tratava-se de defender a estalagem, a comuna, onde cada um

tinha a zelar por alguém ou alguma coisa querida” (AZEVEDO, 2005, p. 113).

Quanto às descrições do espaço do cortiço como um organismo vivo, tendo a estrutura da obra base na teoria evolucionista em decorrência da publicação, em 1859, da obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin, nota-se na composição azevediana a influência dessa corrente de pensamento que mudou o mundo ocidental. Na obra em estudo, a ampla utilização da figura da zoomorfização pelo autor apresenta sua referência aos homens como seres animalizados pela sociedade e o cortiço como um organismo:

“E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco” (AZEVEDO, 2005, p. 22).

B) **Contextualização Histórica**

No que tange ao contexto histórico, o professor pode traçar um paralelo entre o momento em que a obra foi escrita e o que ocorria no país, possibilitando aos estudantes entenderem o romance também como uma alegoria do Brasil, encontrando na mesma os aspectos sociais, econômicos e culturais do período de transição entre um governo monárquico e outro democrático.

Também, se torna possível encontrar na obra as mudanças sociais ocorridas por conta de fatos como a abolição da escravatura, o êxodo rural, a crise agrária e a consequente aglomeração populacional urbana que precedeu o modelo industrial europeu e passou a implantar no país a cultura do consumo, criando demanda para o que viria a ser o mercado global.

A relação entre história e literatura também possibilita entender o processo de miscigenação pelo qual as personagens passam, dando origem à cultura brasileira, a formação das cidades, sua aglomeração, a geografia e as migrações: “o deslocar-se do eixo de prestígio para o Sul e os anseios das classes médias urbanas compunham um quadro novo para a nação, propício ao fermento de idéias liberais, abolicionistas e republicanas” (BOSI, 1965, p. 180).

Também é possível abordar os reflexos dessas mudanças nessa nova

organização da sociedade que buscava a ressignificação cultural a partir da união de diferentes povos em um mesmo ambiente, homogeneizando culturas, crenças, valores e estilos de vida na tentativa de extinguir os contrastes entre negros recém-libertos, portugueses capitalistas e índios, povos integrantes da ex-colônia portuguesa que conviveriam juntos nas cidades enfrentando dilemas ainda não solucionados.

Além dos aspectos apresentados quanto ao processo de miscigenação cultural, uma vertente que ganha grande destaque é a língua portuguesa, já que esta também recebe influências das diferentes culturas que compõem o cortiço, sendo representada pela fala dos moradores desse espaço, como em suas gírias e expressões trazidas de seus países de origem.

C) **Contextualização Estilística**

O professor também poderá apresentar aos leitores o uso que o autor faz das figuras de linguagem como estratégia estilística das descrições realistas para a composição de suas personagens: “A primeira que se pôs a lavar foi a Leandra, por alcunha a ‘Machona’ portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo”, ou na ocorrência da deificação mitológica do humano: “Jerônimo era alto, espadaúdo, construção de touro, pescoço de Hércules, punho de quebrar um coco com um murro: era a força tranquila, o pulso de chumbo”. (AZEVEDO, 2005, p.47 e 178) representando o português como um herói dos trabalhadores do cortiço.

Jerônimo, associado a Hércules, simboliza o “representante idealizado da força combativa: o símbolo da vitória (e da dificuldade da vitória) da alma humana sobre as suas fraquezas” (DIES, p. 216 apud CHEVALIER, 2015, p. 486), o mesmo Jerônimo que é apresentado por Azevedo por meio de uma oposição simbólica: com força de touro, mas tranquilidade de boi. Este, “um símbolo de bondade, de calma, de força pacífica, de 'capacidade de trabalho e de sacrifício' ” (CHEVALIER, 2015, p. 137), características escolhidas para representar o mais forte dos trabalhadores da pedreira de João Romão.

Essas personagens que, em sua maioria, representam os moradores do cortiço aparecem nas obras não somente nas descrições físicas e psicológicas feitas

por Azevedo. Elas são marcadas pela linguagem simples, estratégia utilizada pelo autor para apresentar ao leitor os seus discursos, ideias e gírias.

Os grandes trechos descritivos, a abundância de adjetivação o colorido das frases e a proximidade do autor para a observação dos seres humanos que vivem no cortiço e a relação destes com as forças da natureza marcam na obra as características do Naturalismo.

Desse modo, o professor poderá apresentar diferentes excertos que apresentam essas características, como um que poderia ser considerado uma das mais detalhadas descrições, expressando bem tal particularidade dessa escola literária:

A moça fechou as pálpebras, vencida pelo seu delicioso entorpecimento, e estendeu-se de todo no chão, de barriga para o ar, braços e pernas abertas. Adormeceu.

Começou logo a sonhar que em redor ia tudo se fazendo de um cor-de-rosa, a princípio muito leve e transparente, depois mais carregado, e mais, e mais, até formar-se em torno dela uma floresta vermelha, cor de sangue, onde largos tinhorões rubros se agitavam lentamente.

E viu-se nua, toda nua, exposta ao céu, sob a tépida luz de um sol embriagador, que lhe batia de chapa sobre os seios.

Mas, pouco a pouco, seus olhos, posto que bem abertos, nada mais enxergavam do que uma grande claridade palpitante, onde o sol, feito de uma só mancha reluzente, oscilava como um pêndulo fantástico.

Entretanto, notava que, em volta da sua nudez alourada pela luz, iam-se formando ondulantes camadas sangüíneas, que se agitavam, desprendendo aromas de flor. E, rodando o olhar, percebeu, cheia de encantos, que se achava deitada entre pétalas gigantescas, no regaço de uma rosa interminável, em que seu corpo se atufava como em ninho de veludo carmesim, bordado de ouro, fofo, macio, trespalante e morno.

E suspirando, espreguiçou-se toda num enleio de volúpia ascética.

Lá do alto o sol a fitava obstinadamente, enamorado das suas mimosas formas de menina.

Ela sorriu para ele, requebrando os olhos, e então o fogoso astro tremeu e agitou-se, e, desdobrando-se, abriu-se de par em par em duas asas e principiou a fremir, atraído e perplexo. Mas de repente, nem que se de improviso lhe inflammassem os desejos, precipitou-se lá de cima agitando as asas, e veio, enorme borboleta de fogo, adejar luxuosamente em torno da imensa rosa, em cujo regaço a virgem permanecia com os peitos franqueados.

E a donzela, sempre que a borboleta se aproximava da rosa, sentia-se penetrar de um calor estranho, que lhe acendia, gota a gota, todo o seu sangue de moça.

E a borboleta, sem parar nunca, doidejava em todas as direções ora fugindo rápida, ora se chegando lentamente, medrosa de tocar com as suas antenas de brasa a pele delicada e pura da menina.

Esta, delirante de desejos, ardia por ser alcançada e empinava o colo. Mas a borboleta fugia.

Uma sofreguidão lúbrica, desensofrida, apoderou-se da moça; queria a todo custo que a borboleta pousasse nela, ao menos um instante, um só instante, e a fechasse num rápido abraço dentro das suas asas ardentes.

Mas a borboleta, sempre doida, não conseguia deter-se; mal se adiantava, fugia logo, irrequieta, desvairada de volúpia.

— Vem! Vem! suplicava a donzela, apresentando o corpo. Pousa um instante em mim! Queima-me a carne no calor das tuas asas!

E a rosa, que tinha ao colo, é que parecia falar e não ela. De cada vez que a borboleta se avizinhou com as suas negaças, a flor arregaçava-se toda, dilatando as pétalas, abrindo o seu pistilo vermelho e ávido daquele contato com a luz.

— Não fujas! Não fujas! Pousa um instante! A borboleta não pousou; mas, num delírio, convulsa de amor, sacudiu as asas com mais ímpeto e uma nuvem de poeira dourada desprende-se sobre a rosa, fazendo a donzela soltar gemidos e suspiros, tonta de gosto sob aquele eflúvio luminoso e fecundante.

Nisto, Pombinha soltou um ai formidável e despertou sobressaltada, levando logo ambas as mãos ao meio do corpo. E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir e a chorar, sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente.

A natureza sorriu-se comovida. Um sino, ao longe, batia alegre as doze badaladas do meio-dia. O sol, vitorioso, estava a pino e, por entre a copagem negra da mangueira, um dos seus raios descia em fio de ouro sobre o ventre da rapariga, abençoando a nova mulher que se formava para o mundo (AZEVEDO, 2005, p. 123-125).

A já mencionada expressão “flor do cortiço” (AZEVEDO, 2010, p. 35) consta na obra sem a conjunção comparativa, o que leva o leitor a entender que se trata de uma metáfora utilizada pelo autor, ligando a personagem Pombinha a outros elementos de significado, como quando é associada às borboletas que, “tal como elas, as flores representam muitas vezes as almas dos mortos” (CHEVALIER, 2015, p. 438).

Essa relação metafórica estaria alicerçada na constatação de que Pombinha, por saber ler e escrever, conhecia os pensamentos mais secretos dos moradores, o que lhe possibilitou atingir “uma lucidez que a deliciava e surpreendia” e perceber que um “mundo inteiro se despia à sua vista” (AZEVEDO, 2010, p. 129), o que a aproxima de Perséfone, futura rainha dos infernos, da tradição mitológica grega, já que Azevedo utiliza o vocábulo “inferno” onze vezes para se referir à estalagem.

Segundo a mitologia, Perséfone estaria condenada a passar uma terça parte de sua vida no inferno se rompesse o jejum obrigatório, o que ocorre, já que seu companheiro, Hades, a obriga a comer uma semente de romã (símbolo da fecundidade e ligada ao pecado na Grécia antiga). Assim, “ela simboliza antes a parábola: 'se o grão morrer, não dá colheita' ” (CHEVALIER, 2015, p. 713).

Outra representação metafórica criada por Azevedo (2010, p. 32) na obra é a comparação entre os moradores do cortiço e os insetos: “Da porta da venda que

dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras”. Segundo Chevalier (2015, p. 447), a formiga é “um símbolo de atividade industriosa, de vida organizada em sociedade”, o que estabelece uma relação entre a formiga enquanto símbolo e os moradores da capital do país enquanto local de concentração de pessoas em um momento de industrialização do Brasil.

Na representação que Aluísio faz da briga entre dois cortiços, o “Cabeça-de-gato” e o “Carapicus”, há que se notar a relação de oposição estabelecida entre dois animais: gato e peixe, caça e caçador, animal e seu alimento. Além disso, há no gato o simbolismo dualista, já que ele pode ser terno e dissimulado, o que fica evidenciado no momento da representação da luta entre os moradores dos dois cortiços que acaba em união de ambas as partes para apagar o incêndio que consome parte da estalagem.

Nesse ponto da narrativa, em que o fogo toma forma humana, “depois de insinuar a língua o fogo mostrou a boca e escancarou afinal a goela devoradora”, Azevedo (2010, p. 170) utiliza uma prosopopeia que, somada à personagem ação praticada por João Romão, o dono do cortiço, proporciona ao leitor uma relação entre Romão e o deus Moloc, especialmente no momento em que ele subtrai violentamente o dinheiro pertencente a um dos moradores, enquanto esse morre no incêndio.

Com base em Chevalier (2015, p. 614) pode-se estabelecer tal relação, uma vez que, como aponta o autor sobre o referido deus, “deve-se ver em Moloc a velha imagem do tirano, ciumento, vingativo, sem pena, que exige de seus súditos obediência até a morte e confisca todos os seus bens [...] Nos tempos modernos, Moloc tornou-se o símbolo do Estado tirânico e devorador”.

Outro aspecto de importante observação é o uso de polissíndetos feito por Azevedo para marcar o esforço laboral com que as ações dos trabalhadores do cortiço reforçam a noção de repetição, angústia e mecanização do trabalho: “E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadá ao longe” (AZEVEDO, 2010, p. 45).

D) **Contextualização Poética**

Como alegoria do Brasil em um momento histórico de transição entre Monarquia e República, apresentando as origens da formação nacional e dos problemas sociais que até hoje seguem sem solução, ao menos na maioria dos problemas do país, o professor pode instrumentalizar os leitores na identificação das mazelas humanas presentes na sociedade do final do século XIX.

Exemplo é a representação de uma paixão desmedida transformadora da realidade de algumas personagens, como Jerônimo, a avareza voraz do português que vem ao país para enriquecer a qualquer custo – principalmente explorando outras pessoas.

Além dessas, também se pode analisar as convenções sociais baseadas em interesses econômicos que colocam o humano em um patamar questionável por suas atitudes, o autor apresenta a existência dos pecados capitais nos quais o sistema econômico se estrutura, independente do grupo ao qual a personagem pertença.

A luxúria de João Romão contra a personagem adolescente Florinda, a qual é assediada pelo dono da venda, que cobiça a moça e lhe oferece alimentos de sua mercearia propondo trocas em favor de sua lascívia, explorando a situação de miséria econômica do outro, em detrimento humano: “a desejava apanhar em troco de pequenas concessões na medida e no peso das compras que Florinda fazia diariamente à venda” (AZEVEDO, 2005, p.35).

Referenciando os primeiros portugueses que chegaram ao Brasil, ao mesmo tempo em que traça uma intertextualidade literária, Azevedo aponta para a personagem que “declamava em voz alta os versos de ‘Os Lusíadas’ ” (AZEVEDO, 2005, p.53), em referência aos imigrantes portugueses moradores do cortiço carioca do final do século XIX.

Dos conflitos existentes entre os diferentes cortiços da então capital nacional, Azevedo reserva para eles nomes que os coloca em uma dualidade simbólica criando um antagonismo poético entre os “Cabeças-de-gato” e “Carapicus”, este com o nome de um peixe, estabelecendo uma analogia entre um felino, no caso do primeiro cortiço, e o seu alimento predileto, na definição do segundo.

Aliás, a dualidade está presente na obra toda, já que inúmeras ocorrências são pautadas por antagonismos, como no caso das músicas brasileiras e

portuguesas, a culinária de ambos os países, o café do Brasil em oposição ao chá e a aguardente que contrasta com o vinho português.

A referência à mitologia clássica é outro aspecto encontrado na composição de Azevedo, como na representação da brasileira Rita Baiana como sendo a Medusa, que seduz o português Jerônimo com seus cabelos “crespos, brilhantes e cheirosos, da mulata, principiavam a formar um ninho de cobras negras e venenosas, que lhe iam devorar o coração” (AZEVEDO, 2005, p. 71) atingindo-o com seu feitiço.

A exemplo da personagem mitológica que, quando olhada, transforma seu observador em pedra – “Jerônimo ficou sozinho no meio da estalagem” (AZEVEDO, 2005, p. 71), simbolizando “a imagem deformada do eu... que petrifica de horror ao invés de esclarecer na medida justa” (DIES, 93-97 apud CHEVALIER, 2015, p. 476).

Pombinha, personagem de Azevedo que passa a conhecer e refletir sobre os motivos que levam os homens a agirem como agem no cortiço, assim como o faz em relação às mazelas humanas, a aproxima da moça tecelã que costura seu destino “deixando que seu pensamento vadiasse à solta, enquanto os dedos iam maquinalmente pregando as rendas naquela almofada, em que a sua cabeça teria de repousar para receber o primeiro beijo genial” (AZEVEDO, 2005, p.130).

Estando entre o céu e o inferno, Azevedo coloca o cortiço em um patamar luxurioso

[...] ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-lhe o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e pelado colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescente, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno (AZEVEDO, 2005, p. 156).

tornando o cortiço em uma coisa meio organismo vivo, meio máquina, a qual possui engrenagens de uma “máquina terrível, que nunca parava, [que] ia já lançando os dentes a uma nova camada social que, pouco a pouco, se deixaria arrastar inteira lá para dentro” (AZEVEDO, 2005, p. 186).

E) **Contextualização crítica**

As perspectivas que se construíram sobre o período de transição entre Romantismo e Realismo-Naturalismo e a importância do estudo sobre essa fase da produção literária são evidenciadas pelas palavras de Afrânio Coutinho (1969, p. 29): “Desta sorte, é no período que vai do Romantismo ao Realismo que se deve focalizar o estudo compreensivo da literatura brasileira, para interpretar sua natureza e qualidades”, possibilitando aos professores e estudantes um entendimento mais aprofundado, o que pode ser encontrado com maior abrangência no segundo capítulo deste trabalho.

Ao ser lançado, em 1890, *O Cortiço* trouxe aos leitores uma obra sintonizada com o prestígio que o Naturalismo possuía na Europa, denunciando as mazelas sociais existentes na então capital do Brasil, Rio de Janeiro.

Compondo uma obra que se afastava da visão romântica da literatura que circulava até aquele momento, Aluísio Azevedo registrou em suas linhas não apenas o cotidiano de um povo que se amalgamava cultural e socialmente, como também teceu críticas ao modelo de sociedade que se organizava nos grandes centros, descontrolado e sem a atenção merecida dos governantes para com o povo.

Para retratar a vida dos trabalhadores, Azevedo carrega no poder das palavras o que o fazia com as tintas, sua outra habilidade, sendo um dos primeiros escritores a viver profissionalmente de sua produção.

Como aponta Angela Maria Rubel Fanini (2003, p. 231) “Essa profissionalização de Aluísio Azevedo o coloca como um trabalhador e produtor de bens simbólicos para o mercado cultural”.

F) **Contextualização Presentificadora**

Na contextualização presentificadora, poderão ser abordados aspectos que, de certa maneira, já vêm sendo tratados nas análises das obras apreciadas em todas as fases da sequência didática, pois apresentam a realidade de diferentes comunidades que continuam com os mesmos problemas sociais que surgiram no período de transição entre Monarquia e República.

Aspectos como o crescimento desordenado dos grandes centros urbanos e o impacto disso na oferta de moradias para todas as famílias possibilitam que os estudantes estabeleçam aproximações entre a obra literária e a situação que muitas cidades ainda enfrentam na contemporaneidade, sendo possível retomar a ideia da organização social e urbana presentes no jogo eletrônico, de modo que o professor possa trabalhar simbolicamente a noção de organização espacial na composição da cidade.

Outras ferramentas que estão disponíveis no jogo eletrônico são as mensagens apresentadas na tela do aparelho eletrônico em que o estudante esteja jogando, as quais tratam de temáticas como o saneamento básico necessário para o funcionamento harmônico de uma cidade, oportunizando ao professor a proposição de debates entre os estudantes sobre essa questão.

Os conflitos sociais existentes entre empregados e patrões ou entre diferentes grupos pertencentes à cidade quando da falta de condições básicas de moradia, trabalho e distribuição de renda também são apresentados no jogo eletrônico de maneira a se levantar reflexões em torno das possíveis soluções para esses dilemas.

O professor que seguir a sugestão de trabalho com a temática da representação das personagens adolescentes existentes na obra torna-se possível aproximar as temáticas do cotidiano dos leitores e os dilemas enfrentados pelas personagens da narrativa de Azevedo, como forma de que os leitores apresentem suas opiniões sobre a condição do adolescente em uma sociedade em constante transformação e sobre suas perspectivas enquanto agente transformador desse meio em que vive.

G) **Contextualização Temática**

Uma vez que o que se propõe nesta sequência é principalmente a representação da adolescência na obra, na contextualização temática é possível que se aproveite a ideia da representação da vida dos estudantes em paralelo à das personagens adolescentes da obra para que os leitores possam apresentar em sua produção final uma proposta de final diferente para a vida de cada personagem

adolescente existente na narrativa.

Nessa produção o professor poderá sugerir aos estudantes que partam do que é narrado por Azevedo na obra e alterem o desfecho final para as personagens adolescentes, inserindo aspectos que julgarem importantes para que essas personagens alterem os rumos de seus destinos dados pelo autor a cada uma.

Uma vez que se trata de um trabalho desenvolvido sobre a leitura de elementos literários textuais e imagéticos, no caso da adaptação da obra para o ambiente virtual, o professor poderá permitir que os alunos façam uso de programas de computador para a criação gráfica.

No entanto, vale lembrar se faz importante para que o profissional da educação conheça sobre o entendimento de cada aluno sobre a interpretação da leitura. Desse modo, sugere-se que o trabalho de produção textual seja valorizado em todos os momentos do trabalho com a leitura literária.

Ainda, entre os objetivos do trabalho está o de possibilitar ao professor perceber quais são os pontos que afligem o leitor quando se trata do contexto em que os estudantes estão inseridos, podendo o profissional da educação instrumentalizá-los para que sejam propositores de novas e diferentes formas de organização social, cultural, política e arquitetônica de modo que eles reflitam sobre seu papel na sociedade, podendo ser este o de ação transformadora.

1.8 Quinta etapa: Avaliação (4 aulas)

Com base na leitura e na discussão dos textos e com o apoio da proposta avaliativa de Rildo Cosson (2007), nesta fase do trabalho o docente poderá propor a composição de uma história que narre um final diferente para cada personagem que os grupos de estudantes se responsabilizaram pela investigação, nas quais poderão estar contidas as bases dos problemas enfrentados pelas personagens e a proposta de cada grupo para a saída da situação enfrentada por elas.

Isso será construído coletivamente dentro dos grupos, de maneira que os leitores situem as personagens nos dias de hoje, assumindo o papel de narradores

que definirão o que poderia acontecer a elas na sociedade contemporânea tal como está organizada hoje.

Caso o professor e os estudantes queiram fazer uso das TIC, podem desenvolver a criatividade e habilidades que possuem. Como sugestão, o professor poderá propor que essa narrativa final seja criada em diferentes formatos, como história em quadrinhos, a exemplo da existente no ambiente virtual, rádio novela, curta-metragem, entre outros e em diferentes suportes.

Caso optem pela criação de histórias em quadrinhos no suporte digital, pode-se fazer uso do *software* livre “HagáQuê” (2003) ou outro editor que o estudante conheça. Em seguida, esses conteúdos podem ser divulgados na rede mundial de computadores em um *blog* que o professor poderá criar como forma de estímulo à criação por vez que os estudantes perceberão que suas produções poderão ser divulgadas e conhecidas além dos muros das escolas.

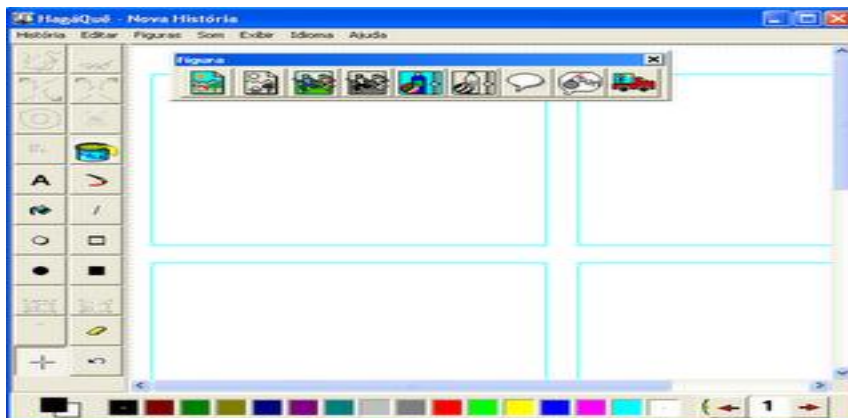


Figura 16: Software HagáQuê – criador de histórias em quadrinhos

Se a escolha para o desenvolvimento do material para avaliação for a criação de vídeos, os estudantes poderão utilizar o *software* livre para edição de “Kdenlive” após as filmagens, as quais podem ser feitas com câmeras filmadoras ou aparelhos celulares que possuam tal ferramenta.

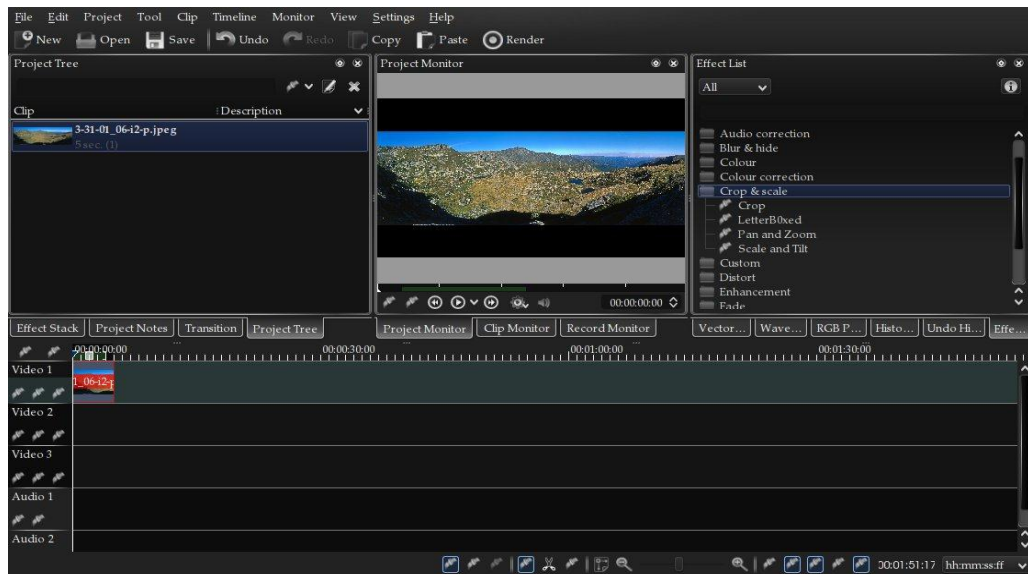


Figura 17: Software Kdenlive – editor de vídeos gratuito

Como afirmado anteriormente, os materiais e textos escolhidos para esta sequência didática servem apenas como modelo de proposta de trabalho, estando o professor livre para a definição dos textos que julgar adequado ao público que atender.

No entanto, se faz importante salientar que, embora muitas transformações venham ocorrendo na sociedade contemporânea, como a difusão tecnológica cada vez mais acelerada, será sempre importante pensar o texto literário e seu papel humanizador como cerne dos estudos nos ambientes escolares pelo seu potencial transformador da sociedade, almejando alcançar um país igualitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a luz fraca de uma lâmpada incandescente de um poste de iluminação pública, em uma noite de vento brando, porém gelado, um menino esfregava os pés descalços um contra o outro enquanto tinha os olhos bem perto das páginas para conseguir ler aleatoriamente o que lhe interessava nas páginas rotas de um livro velho emprestado da biblioteca da escola onde estudava.

Se não fosse pela pergunta de um dos vizinhos sobre o que estava lendo não lembraria qual é o título da obra, sugerida por uma professora que também morava perto de sua casa, em um bairro de ex-funcionários de uma estrada de ferro, lavradores, pedreiros, empregadas domésticas, marceneiros e mecânicos, no início de uma rua que fora construída próxima à estação de trem na época áurea do café, mas que se encontrava abandonada pela empresa e pelo poder público.

Nas páginas do livro, mesmo que olhasse entre as linhas, não conseguia compreender as tais “entrelinhas” que a professora insistia em repetir em sala de aula, deixando-se envolver pela narrativa que lhe possibilitava imaginar as cenas envolventes criadas pelo autor. Contudo, o menino não concluiu a leitura da obra naquela época porque não tinha um dicionário em sua casa no qual pudesse consultar algumas palavras que não conhecia.

Tivesse o feito teria percebido desde muito cedo a atemporalidade do livro que representa até hoje a organização social nos grandes centros urbanos, e que refletia também o formato de seu bairro. Porém, proporcional ao tamanho da cidade de um interior canavieiro.

O *Cortiço*, de Aluísio Azevedo (1890), mesmo que seja lido hoje, em uma sociedade altamente desenvolvida tecnologicamente, consegue manter essa característica atemporal desde sua publicação. Inclusive, por ser atemporal é que o campo tecnológico se apropria de sua narrativa para desenvolver conteúdos para ambientes virtuais, levando-a para a rede mundial de computadores.

Essa transposição de um clássico da literatura brasileira para o ambiente virtual possibilita que estudantes tenham acesso à parte da narrativa adaptada para o gênero história em quadrinhos e para jogos eletrônicos, oportunizando, ao mesmo tempo, que professores desenvolvam atividades que despertem o interesse dos

futuros leitores pela temática dos livros que têm sido adaptados.

Com base nesses pressupostos a proposta de uma sequência didática que abordasse a temática da representação da adolescência em uma das obras transpostas visa contribuir para que os profissionais da educação ofereçam aos estudantes a oportunidade de se aproximarem dos clássicos literários almejando a fruição estética.

Uma vez que a sala de aula é um espaço privilegiado de debates sobre todas as áreas do conhecimento e de manutenção e soma dos conhecimentos acumulados pela humanidade o professor tem a capacidade de proporcionar aos estudantes o contato com o que tem sido criado artisticamente nos diferentes períodos da história humana.

Com algumas adaptações, como é o caso da proposta de partir da transposição da obra literária almejando alcançá-la em seu formato integral, o profissional da educação pode partir das áreas de conhecimento dos estudantes, como é o caso da tecnologia, para apresentar-lhes conteúdos que possam contribuir para um melhor entendimento sobre o mundo no qual estão inseridos, possibilitando a construção de autonomia enquanto seres sociais.

Outra oportunidade que se acredita haver em atividades que partam do campo de conhecimento dos estudantes, como o caso do uso das tecnologias, é a possibilidade de criar a consciência de que as tecnologias são muitas, principalmente a escrita, pois esta tem possibilitado por milhares de anos que o homem se comunique entre seus pares e transmita conhecimentos e culturas.

Além disso, a ideia de se trabalhar com o apoio das novas tecnologias da informação e comunicação para que se alcance textos literários criados muito antes da existência dos aparelhos eletrônicos oportuniza à área educacional debater entre seus pares, assim como junto aos estudantes, a função que essas novas ferramentas vem assumindo na sociedade e quais são os seus limites de uso físico, ético, social, econômico, entre outros.

Dentro de sala de aula, em situações em que os professores deem diferentes funções a essas ferramentas, não as vendo como máquinas com fins em si, acredita-se que tal proposta possa assumir o papel de transformar estudantes passivos frente à tecnologia em agentes de transformação, uma vez que se almejam utilizar tais aparelhos apenas como suportes de textos literários e suas

transposições.

Entre vários fatores que contribuem para essa tentativa de aproximação entre estudantes e os textos literários clássicos estão as ponderações de Antonio Candido, como a que apresenta em *O Direito a literatura* (1988), quando trata da importância de haver garantia de acesso aos cidadãos às obras literárias, como sendo a literatura um bem incompressível, tais como o são a alimentação, o vestuário e a educação, devido a sua capacidade humanizadora.

Portanto, essa tentativa de somar duas áreas do conhecimento humano – a tecnológica e a literária – visam colaborar para o trabalho docente nas atividades de letramento literário e na cultura da leitura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos D. **No meio do caminho**. Disponível em <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/drumm2.html>>. Acesso em 10 set. 2014.

AUDACITY. Editor de áudio. Versão 2.1.0. Disponível em <<http://web.audacityteam.org/>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 2ª ed. São Paulo: Escala, 2010.

_____. **O Mequetrefe**, Rio de Janeiro, 03 mar, 1877. ed. 93, p.8. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709670&pasta=ano%20187&pesq>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELLONI, Maria L; BEVORT, Evelyne. Mídia-Educação: Conceitos, História e Perspectivas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

BOLAÑOS, Roberto G. **El Chavo del ocho**. Corren a don Ramón. México. 1977. (38 min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lvvVnl5-vA>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

_____. La venta de churros. 1978. (55 min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yDW66BuhiUs>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1965.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 15 jun. 2014.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 8/2012**, de 06 de março de 2012. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download &gid=10389&Itemid=>](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=10389&Itemid=>)>. Acesso em: 10 fev. 2014.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2014

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional – Proinfo integrado. **Tecnologias na educação: ensinando e aprendendo com as TIC**. 2ª ed. Brasília, 2010. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=13156:proinfo-integrado>. Acesso em: 15 mai. 2014

_____. Ministério da Educação. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Comissão de Normalização de Trabalhos Acadêmicos . **Normas para elaboração de trabalhos acadêmicos**. Curitiba: UTFPR, 2008. Disponível em <http://www.utfpr.edu.br/dibib/normas-para-elaboracao-de-trabalhos-academicos/normas_trabalhos_utfpr.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2014.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. **A Educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. **De cortiço a cortiço**. Novos Estudos. Nº 30, pp.111-129. CEBRAP, julho de 1991.

_____. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

_____. O Direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p 169-191.

_____. **Presença da literatura brasileira: Do Romantismo ao Simbolismo**. São Paulo: Difel Difusão Editorial S.A., 1978.

CARVALHO, José M. de. **A Formação das Almas**: o Imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

_____. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTRILLÓN, Sílvia. A necessidade da Literatura: O papel da biblioteca. **Revista Emília**, 2012. Disponível em <<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=217>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução: Vera da Costa e Silva et al. 27ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo **Letramento literário – Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2ª ed. Vol. II, Rio de Janeiro: Record, 1969.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Três, 1984.

EBNER, André. **Tinha uma favela no meio do caminho**. 2009. Disponível em <<http://andreebnersilva.blogspot.com.br/2009/08/conto-tinha-uma-favela-no-meio-do.html>>. Acesso em: 15 out. 2013.

EDUBUNTU. Versão 13.10. Free Software Foundation. **Software livre e educação**. Disponível em <<http://www.gnu.org/education/>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

FANINI, Angela M. R. Os romances-folhetins de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. Disponível em <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/site_angela/Arquivos/Producao/TesedeDoutorado.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2015.

FINGER-KRATOCHVIL, Claudia. Letramento e Tecnologia: o aprendiz estratégico e crítico na era da informação *in* **Educação e Contemporaneidade**. NASCIMENTO, Antonio D.; HETKOWSKI, Tânia M. (organização). Salvador: EDUFBA, 2009. 400 p.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GARCIA, Álvaro A. Revolução digital e literatura: novas relações entre leitura, escrita e autoria. **Goethe-Institut Brasilien**. Novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.goethe.de/ins/br/lp/kul/dub/lit/pt8457823.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

GENNARI, Adílson M. Globalização, neoliberalismo e abertura econômica no Brasil nos anos 90. **Grupo de Pesquisa em História Econômica e Social Contemporânea** – GPHEC. UNESP. Disponível em <<http://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/texto-5-globaliza%C3%A7%C3%A3o-e-neoliberalismo.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

GIL, Gilberto. Refavela. 1977. In: O melhor de Gilberto Gil: **2 é demais!** Brasil: WEA Music Brasil, 1996. 1 disco sonoro (74'18 min).

GOMES, Kleber C. Grajauex. In: **Nó na orelha**. São Paulo: Oloko Records, 2011. 1 disco sonoro. (39'01 min).

HOLANDA, Sérgio B. **História geral da civilização brasileira**. 3ª ed. Tomo II, 2º vol. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

Instituto Pró-Livro. Retratos da leitura no Brasil. **Anais**. II Seminário Nacional. Brasília, 2012.

IZILGALLU. **Cortiços, Favelas**. s/d. Disponível em <<http://izil.blogspot.com.br/2008/07/cortios-favelas.html>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

JAF, Ivan. **Dez dias de cortiço**. São Paulo: Ática, 2008

JUNQUEIRO, Guerra. **Finis Patriae**. 2ª ed. Porto: Empresa Litteraria e Typographica, 1891.

KDENLIVE. Free and open source video editor for GNU/Linux, Mac OS X and FreeBSD. Disponível em <<https://kdenlive.org/>>. Acesso em: 18 fev. 2014.

LEHER, Roberto. A universidade nas mãos do FMI. **A Nova Democracia**. Ano III, nº 19, julho de 2004. Disponível em <<http://www.anovademocracia.com.br/no-19/821-a-universidade-nas-maos-do-fmi>>. Acesso em: 07 set. 2013.

LIMA, Roberto S. Impressões de Aluísio: conhecimento prático de literatura. 47. ed. **Revista Literatura**. São Paulo: Escala, 2013. Disponível em <<http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/47/artigo290897-1.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

LONGMAN. **Dictionary of contemporary English**. 4th edition. England: Pearson Education Limited, 2003. 1950 p.

MARQUES, Luiza; VICENTE, Juliana. **Leva**. Preta Portê Filmes. Disponível em <<http://pretaportefilmes.com.br/leva/>>. Acesso em: 05 set. 2014.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro primeiro: O processo de produção do capital.. Tomo 2. capítulos XIII a XXV. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MATTOS, Rômulo C. Aldeias do mal. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, 2007. Disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/aldeias-do-mal>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

MENEZES, Raimundo de. **Aluísio Azevedo: uma vida de romance**. 2ª ed. São Paulo: Martins Corrêa, 1957.

MENON, Maurício C. Entre sombras e ruínas: O espaço gótico em “O Impenitente”, de Aluísio Azevedo. **Revista de Literatura, História e Memória**. Vol. 7, nº 10. Cascavel: Unioste, 2011. p. 145-158 Disponível em <<http://revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/download/5885/4732>>. Acesso em: 10 out. 2014.

MURANO, Edgard. O texto na era digital: Para além do internetês, a internet está mudando a maneira como lemos e escrevemos. **Revista Língua Portuguesa**. Disponível em <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/64/artigo249031-1.asp>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

NETO, Antonio V. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Z. F. **Intertextualidades: teoria e prática**. Belo Horizonte: LA, 1995.

PINA, Fabiana. Acordo MEC-USAID: ações e reações (1966-1968). **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP-USP, São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. CD-ROM.

QUINTANA, Mário. No meio do caminho. **Apontamentos de história sobrenatural**. São Paulo: Globo, 2002.

RANGEL, Eliane de F. M. Estratégias de leitura e gêneros textuais na formação do leitor crítico. **Anais do 16º Congresso de leitura do Brasil**. UNICAMP-Campinas. Disponível em <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss07_05.pdf>. Acesso em 08 mai. 2015.

RIBEIRO, Paulo R. M. História da educação escolar no Brasil. Ribeirão Preto: **Revista Paidéia**, FFLCLRP USP 1993.

ROCHA, Heloísa V. (Coord.); BIM, Sílvia A.; TANAKA, Eduardo H. **HagáQuê**. UNICAMP, 2003. Disponível em <<http://www.nied.unicamp.br/?q=content/hag%C3%A1qu%C3%AA>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

RODRIGUES, Alberto T. **Sociologia da educação**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. Disponível em <<http://pedagogiaaopedaletra.com/sociedade-educacao-desencantamento-max-weber-2/>>. Acesso em: 01 out. 2014.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Ermínia Mariano et al. 1. ed. São Paulo: Boitempo - Carta Maior, 2013.

SANTIAGO, Celso (Dir.) et al. **Livro e Game**. Disponível em <<http://livroegame.com.br/curso.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas-SP: Autores Associados, 2008.

SCHLÜNZEN JÚNIOR, Klaus. Uso da tecnologia envolve mudança de metodologias de ensino. **Revista Fórum**. Disponível em <http://www.unesp.br/aci_ses/jornalunesp/acervo/269/forum-uso-da-tecnologia-envolve-mudancas>. Acesso em: 10 jun. 2014.

SIMÕES, João G. **Eça de Queirós: trechos escolhidos**. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

SUASSUNA, Ariano. **TV Senado Especiais**. Aula-espetáculo. 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yR-aNEQduZw>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

UNESCO. **O Futuro da aprendizagem móvel: implicações para planejadores e gestores de políticas**. Brasília: Unesco, 2014

VIEIRA, Luiz A. L. **Favela de Paraisópolis**. 2002. 1 fotografia, colorida. Disponível em <<http://www.tucavieira.com.br/A-foto-da-favela-de-Paraisopolis>>. Acesso em: 10 set. 2014.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.